



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

THAÍSE OLIVEIRA TORRES MONTEIRO

PERCEPÇÕES SOBRE IDENTIDADES ÉTNICAS E RACIAIS EM CHARGES
SOBRE JACOB ZUMA NA ÁFRICA DO SUL

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Braz Dias

Brasília-DF
2020

THAÍSE OLIVEIRA TORRES MONTEIRO

PERCEPÇÕES SOBRE IDENTIDADES ÉTNICAS E RACIAIS EM CHARGES
SOBRE JACOB ZUMA NA ÁFRICA DO SUL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Ciências Sociais como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel em
Antropologia

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Braz Dias

Brasília, 2020

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Juliana Braz Dias
Departamento de Antropologia

Prof. Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos
Departamento de Antropologia

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Juliana por me orientar e entender meus momentos de desalento. Sua compreensão e paciência me permitiram chegar até aqui e são estímulo para perseguir aquilo que desejo para mim.

Agradeço infinitamente à minha família. Sem vocês nada seria possível. Mamãe, papai, vocês são fundamentais. Luaninha, agradeço ter me apoiado desde o primeiro instante, antes até que os outros soubessem sobre o novo desafio a que tinha me proposto.

À minha madrinha Ení e minha querida avó, lindas tias, tios e primos, que também me incentivaram nessa jornada - ainda que alguns não saibam o que é Antropologia.

Ao Paulo, super companheiro. Sem ele eu não teria me locomovido ou me cuidado durante boa parte do tempo em que escrevi esse trabalho. Agradeço a gentileza de quem genuinamente sempre só me quis (e continua a querer) bem.

Também agradeço aos companheiros de casa que estiveram comigo nessa jornada e aturaram a bagunça do meu material de estudo por todos os cantos.

Bruno Lourenço, Sávio, Isis, Thiago e Renata, valeu pelo apoio. Robeertsom, Tamires, Bruno Prosaico, Broa, Pedro, Lili, Camila, Carol, Lavínico, Arthur e Gustavo, agradeço e valorizo nossa amizade atemporal.

Sou muito grata ao Carlínico (Carlos Brasileiro Pita, *in memoriam*), aquele que sempre me acompanhou e sei que ainda acompanha. Seu abraço ainda me aquece o coração. Sinto sua falta, mas agradeço à Virgínia, Paulo e Letícia, que me fazem ter um pouco mais de você aqui.

Themba, Tshidi, Emre, Maria e Inci. Sem os cuidados de vocês eu provavelmente não teria completado meu campo com êxito. Husseyin, você também.

Agradeço aos amigos da Secretaria de Comunicação pela paciência e companheirismo.

RESUMO

Na África do Sul contemporânea, povos de diversos contextos culturais convivem sob a bandeira de uma nação colorida. As cores da "Nação do arco-íris" representam a unidade com respeito às diferenças, que os fazem únicos. Os meios de comunicação trazem um pouco do retrato do cotidiano do país. Dentre eles, os jornais impressos têm, com as charges, alcance em segmentos variados da população, por serem de fácil e rápido entendimento. Autores dessas peças satíricas têm retratado o povo sul-africano em seus acontecimentos cotidianos, trazendo elementos de política, economia e sociedade. Assuntos como HIV/AIDS e estupros são recorrentes nas páginas de periódicos impressos e veículos online de comunicação. Os chargistas que retratam essa realidade são majoritariamente homens brancos pertencentes a populações não-ancestrais deste território. Os leitores são a sociedade da África do Sul, composta majoritariamente por grupos étnicos originários locais. O essencialismo faz parte da percepção que essa sociedade tem de cada grupo que a compõe. Contrapondo os estereótipos expressos pelos entrevistados nesse trabalho com charges publicadas em um recorte temporal pré-eleição e em parte do mandato do ex-presidente da África do Sul, Jacob Zuma, este trabalho analisa a percepção da identidade racial por meio de representações do homem Zulu em charges sobre Jacob Zuma. São utilizadas técnicas oriundas da Antropologia Social, majoritariamente. Há ainda, como recurso de apoio, o uso da Análise de Discurso, como preconizado pela Antropologia e abordado na Comunicação Social.

Palavras-chave: identidade racial; charges; essencialismo

ABSTRACT

People of different background live under the Rainbow Nation Flag in contemporary South Africa. The Rainbow Nation brings up a unity alongside diversity respect, that makes them unique. Media shows a bit of what everyday life is like in this country. Among this media, newspapers have, through its cartoons, a wide reach in society, since they have a quick and easy understanding. The authors of these satiric pieces have been portraying the south african people in their everyday life, alongside elements such as politics, economy and society. Themes such as HIV/AIDS and rape are recurrent in printed as well as online media. The cartoonists that portray these aspects are mainly foreign native white man. The readers are the south african society, mainly build by ancestry local people. Essentialism is part of how this society perceives each group that makes it whole. Opposing stereotypes manifested by interviewees on the making of this work and the cartoons published in a temporal lapse between pre-election and a parcel from former president Jacob Zuma's term, this item analyses the perception of racial identity through the portrayal of Zulu man on cartoons about Jacob Zuma. Techniques from Social Anthropology are the main tools used for the construction of this work. In addition to that, Speech Analysis as dictated by Anthropology and seen in Media studies is also used as an extra aid.

Keywords: racial identity; cartoons; essentialism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – INDODA ENAMANDLA	17
1.1 – As alegações polêmicas	18
1.2 – Homem Zulu	21
1.3 – Zuma Zulu	23
CAPÍTULO 2 – CHARGES	28
2.1 A semiótica do assunto	35
2.2 Charges analisadas	40
2.2.1 Madam and Eve (5-11 Fev, 2010 - Vol 26, No. 5, p.24)	43
2.2.2 Baby Shower - (5-11 Fev, 2010 - Vol 26, No. 5, p.23)	44
2.2.3 Zooma Family name Jetpack (1-7 Ago, 2014, vol 30, No 31, p.29)	45
2.2.4 Nkandla cash cow (19-5 Jun, 2015, vol 31, No. 25, p.23)	46
2.2.5 Gargantua's Wedding (19-25 Set, 2014. Vol 30, No 38, p.37)	48
2.2.6 Gay Right's (29 Set-5Out, 2006. Vol 22, No 59, p.23)	49
2.2.7 Evolution of Democracy (20-26 Ago, 2010. Vol26 No31)	50
2.2.8 The Influence of the Religious right on the presidency (18-23 Set, 2009. Vol 25, No 37	51
2.2.9 Unfinished Business (15-21 Jan, 2010. Vol26, No2)	52
2.2.10 Dr. Jack - The Flux of the Nation (5-11 Fev, 2010. Vol 26, No5, p.21)	54
2.2.11 Madam and Eve - Banimento de Insultos ao presidente (16-22 Nov, 2012. Vol 18, No 46, p.37)	56
2.2.12 Madam and Eve – Duduzane Mandela (4-10 Março, 2011. Vol. 27, No. 9)	57
2.2.13 Can anybody see my sword? (3-9 Abril, 2009. Vol. 25, No. 13)	59
2.2.14 State of the Nation (13-19 Junho, 2014. Vol.30, No. 24, pág. 27)	61
CAPÍTULO 3 – ENTREVISTAS	63
3.1 Corrupção	65
3.2 Aspectos de personalidade	68
3.3 A semiótica como processo de análise das charges na percepção dos entrevistados	71
CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS	79
ANEXO	82

INTRODUÇÃO

Este trabalho se debruça sobre um material recolhido de jornais sul-africanos, particularmente no formato de charges, cujo teor remete a situações envolvendo Jacob Zuma, ex-presidente da República da África do Sul (RSA). O foco do trabalho esteve nas variadas formas de representação de Zuma (e de sua condição como homem zulu) pelos chargistas, bem como nas interpretações dessas charges por leitores sul-africanos do periódico.

Jacob Zuma esteve à frente da nação entre 2009, quando foi eleito pela primeira vez, e fevereiro de 2018, quando renunciou ao cargo, em meio a denúncias de corrupção - não inéditas ao longo de sua carreira. A figura de Zuma é notável e digna de observação pela quantidade de vezes em que o ex-mandatário estampou capas de jornal em matérias polêmicas e - como foco de interesse deste trabalho - muitas vezes ligadas à sua condição de homem zulu. Não apenas charges, - como as analisadas - mas artigos, colunas, cartas, notícias, manchetes e outras categorias de classificação dos textos jornalísticos, estampam um homem de características polêmicas e controversas.

Dessa forma, o presente trabalho pretende, por meio de coleta de charges em jornais sul-africanos (e ocasionalmente identificação de outros elementos presentes no periódico examinado), análise de discurso e entrevistas com leitores locais, examinar as percepções sobre Zuma e a possível relação destas com imagens mais amplas sobre os zulus, reproduzidas por diversas categorias sociais na África do Sul. Em outras palavras, investiga-se a hipótese se de fato há a representação do todo por um, ou de todos os homens Zulu pela figura de Zuma.

O trabalho de campo que fundamenta essa pesquisa foi feito em Johannesburgo e Pretória, África do Sul, no período de 22 de junho à 30 de julho de 2018. A busca pelas charges aqui trazidas foi feita na biblioteca da Universidade de Witwatersrand (Wits), durante o período de campo. O material de análise foi extraído do semanário Mail & Guardian (M&G) e a

busca cobriu o período pré-Zuma, a partir de 29 de setembro de 2006 (M&G, Vol. 22, no. 39) indo até 3 de março de 2016 (Vol. 32, No.8).

A escolha do número 39 de 2006 (que corresponde à semana 29/09-05/10) é relevante porque traz na página 4 - uma das mais nobres do jornal - a notícia sobre a absolvição de Zuma em um julgamento de estupro, que várias vezes será retratado nas charges posteriormente e cuja compreensão é essencial para a análise das representações que elas retratam e sua interpretação pela ótica dos sul-africanos.

Ao longo da estada na África do Sul, entrevistei formalmente 11 pessoas e observei as reações de tantas outras com quem conversei sobre a pesquisa. Dessas 11 pessoas, apenas três não veem as representações nas charges como algo que se estenda ao homem Zulu em geral, se circunscrevendo somente à pessoa do ex-presidente Zuma.

Muitas das minhas entrevistas foram feitas com pessoas que conheci ao longo da minha estada em Johannesburgo. Na biblioteca, conheci Tshidi, uma senhora simpática, que cuidava muito de mim, prestando atenção em detalhes que uma mãe notaria. Por meio dela, conheci outras pessoas que sempre passavam pela baía onde pesquisava os jornais.

No campus, conheci Themba, que me fazia companhia no horário de almoço, me apresentava comidas e pessoas novas além de me explicar o significado de alguns costumes locais que me intrigavam.

Ao longo das entrevistas, nem todas as charges foram apresentadas aos interlocutores. Dez foram selecionadas, mas, dependendo de como se desenvolvesse a conversa, havia quatro “imagens bônus” a serem apreciadas.

Previamente à entrevista de fato, havia a explicação de em que consistia o trabalho que se pretendia desenvolver com os relatos, além do objetivo de ouvir pessoas de idades diferentes, mas ligadas de alguma forma às mesmas instituições. Era pedido então ao

entrevistado que passasse os olhos pelas imagens e, caso houvesse interesse, que se detivesse sobre alguma, ou a selecionasse para sobre ela falar posteriormente.

Ainda que de forma não planejada, a maioria das entrevistas durou por volta de uma hora. Um pouco mais, um pouco menos, com exceção a de um aluno de Engenharia que se deu por satisfeito com a conversa em pouco mais de 20 minutos.

Dentre os temas recorrentes das conversas, estão a teimosia do homem Zulu; vacas (um elemento importante das práticas e valores Zulus); a quantidade de filhos dos Zulus; o comportamento de Zuma (como Zulu quando convém à Zuma); o significado das charges.

No processo de construção deste trabalho foram utilizadas: revisão bibliográfica sobre charges como manifestação de cultura e expressão jornalística (primeira etapa); análise de periódico semanal (Mail & Guardian) para contextualização e escolha de charges; elaboração de critérios relevantes para escolha das charges; e condução de entrevistas semi-estruturadas com pessoas de diferentes faixas etárias ligadas a duas grandes universidades sul-africanas (segunda etapa). A primeira etapa começou a ser realizada no Brasil, mantendo-se em andamento posteriormente. Já a segunda foi iniciada e concluída na República da África do Sul, nas cidades de Johannesburgo e Pretória, no período de 25 de junho a 29 de julho de 2018.

Reflexões sobre as experiências com a pesquisa

Durante o campo - talvez por ser minha primeira experiência desse tipo - experimentei diversas sensações, que creio não serem exclusivas desta estreia, mas que me marcaram muito.

Acredito, pelas minhas interações ao longo da vida, possuir um inglês de nível avançado e que não tenho dificuldades para entender outros anglófonos, nativos ou não. No entanto, ao chegar à República da África do Sul (RSA), percebi que as peculiaridades da expressão oral (principalmente expressões) seguiam uma lógica local que é em parte subsidiada pela

tradição e história locais, encontrando apoio nas onze línguas oficiais do país, destacadamente, o isiZulu.

Mesmo com as leituras prévias que fiz, pude perceber que, apesar de a bibliografia trazer segurança inicial para a perspectiva do campo, a realidade se lança sobre o pesquisador de maneira própria. No caso de Johannesburgo, onde estava baseada, foi a junção de pessoas de muitos lugares. Local cosmopolita, a cidade trouxe a diversidade de pessoas de vários locais do país e de fora dele, . As pessoas que ia conhecendo ao longo do caminho costumavam compartilhar impressões sobre suas terras de origem e outros povos e assim pude ver KwaZulu-Natal¹ pelos olhos de um Zulu e de um Venda², por exemplo.

As entrevistas foram conduzidas, em sua maioria, em situação informal de conversa. Ao longo da permanência no campo, foi possível conhecer um pouco do público que se tornou potencial entrevistado.

Sou jornalista, formada pela Universidade de Brasília e atuo na área. Escrevo textos para as mídias coordenadas pela Secretaria de Comunicação da UnB e tenho em minha rotina atividades costumeiras de apuração de fatos, realização de entrevistas e pesquisas de métodos próprios sobre a área. Durante a realização do campo, a dinâmica do jornalista foi um ponto a ser superado. Para uma entrevista jornalística - por definição em busca da objetividade e por experiência - afirmo que o ideal é trabalhar para que seja possível "chegar

¹ KwaZulu Natal é uma das nove províncias em que a África do Sul é dividida. Foi criada pela união entre as províncias de KwaZulu, ocupada em grande extensão pelo reino Zulu, e Natal. A Zululândia foi um reino independente entre 1810 e 1879, esteve sob administração britânica entre 1879 e 1897 e passa a ser KwaZulu-Natal desde 1897 até o presente. MAHONEY, Michael N. *The Other Zulus: The Spread of Zulu Ethnicity in Colonial South Africa*. Duke University Press, Durham and London. 2012.

² Zulu e Venda são exemplos de grupos étnicos sul-africanos. É possível ter ideia da localização de pertencentes a esses grupos verificando-se onde predominantemente se falam os idiomas. O IsiZulu, do povo Zulu, é falado majoritariamente em KwaZulu-Natal, onde 8.930.938 pessoas declaram falá-lo. Já o Tshivenda, do povo Venda, é falado principalmente na província do Cabo Oriental, com 971.080 falantes. 2016 Community Survey Brief. Statistics South Africa. P.51-52. Disponível em: http://cs2016.statssa.gov.za/wp-content/uploads/2017/07/CS-in-brief-14-07-2017-with-cover_1.pdf
A África do Sul tem 11 idiomas oficiais reconhecidos em sua Carta Magna, indício que reafirma sua diversidade étnica. São os idiomas Africâner, Inglês, isiNdebele, isiXhosa, isiZulu, Sepedi, Sesotho, Setswana, siSwati, Tshivenda, Xitsonga.

ao ponto" da forma mais ágil e isenta possível. Como jornalista, saio para campo com o *briefing* daquilo que deve ser a notícia. As entrevistas que tiram o tom maçante e descritivo da matéria, geralmente já são buscadas de maneira a se encaixar no texto. Não digo isso de maneira pejorativa, como se o profissional de jornalismo fizesse com que seu interlocutor se limitasse a responder somente o que quer ouvir. Digo que, como jornalista, já buscamos pessoas que sabemos serem familiarizadas com aquilo que pensamos caber no texto. Em nome do melhor uso do tempo, que é - quase - sempre escasso para àqueles que se dedicam a um ofício, já nos dirigimos da forma mais objetiva e rápida possível a um entrevistado.

Já na entrevista antropológica, não há um "ponto" a chegar. É preciso ouvir para saber o que se pode aprender com aquela fala. Observar para ver se ela corrobora ou desconstrói algo que se pretendia verificar.

A escolha da cidade-base, também guiada pela minha orientadora, que fez o estágio pós doutoral na RSA, foi providencial. De segunda à sexta-feira me deslocava do meu local de residência - em Randburg, bairro no noroeste de Johannesburgo - à universidade com uma junção de caminhada e "táxi". Isso, na minha avaliação, me colocou na mesma sintonia das pessoas que viria a conhecer e me inseriu em seus cotidianos, mesmo como espectadora.

Os táxis mereceriam um capítulo à parte mas, como não são foco deste estudo, irei passar brevemente por eles. Primeiramente, é preciso esclarecer que não consistem em carros de passeio como a primeira imagem que provavelmente passaria por nossas mentes. Táxis³ são vans de treze a catorze lugares que, circulando pelas vias, param em qualquer local em que o transeunte esteja. A comunicação dos motoristas e dos potenciais passageiros é feita por meio de buzinas e pode significar pergunta, resposta ou confirmação de um destino.

Grande parte da população, incluindo estudantes e trabalhadores, utiliza-se dos táxis na vida diária. Enraizado na sociedade, o sistema de táxis é tão poderoso que parou uma proposta

³ Os táxis aqui descritos são os de Johannesburgo. Tive a oportunidade de observá-los em Durban e lá eles se assemelham mais às vans piratas que antigamente circulavam em Brasília, com cobradores chamando os passageiros.

do governo para delimitar faixas exclusivas de ônibus. "Se essa faixa existir, eles passarão a ser mais rápidos e nós perderemos clientes", dizia o representante, em um dos jornais que li enquanto estava na RSA. Daí o destaque para essa parte do cotidiano⁴ para colocar-me na mesma sintonia das pessoas que conheci.

Voltando à contextualização do trabalho, creio ser importante localizar o meu papel como pesquisadora e meu próprio contexto de vida para justificar a escolha do tema. Filha de pai negro e mãe branca, experimentei, durante os primeiros anos da vida escolar, as consequências de ser uma das duas únicas crianças negras da escola de freiras em que estudei no início da década de noventa.

Digo negra, porque assim me construí. O que sempre ouvi de meu pai foi "você é negra e deve se orgulhar disso". O meu contato desproporcional com a família materna em relação à paterna, foi sempre muito afetuoso, me trazendo segurança e carinho. No entanto, também serviu para enfatizar a distância entre tom de pele, cabelo e outras características fenotípicas que eu não partilhava com minhas tias, mãe e avó e, principalmente, meus primos: brancos ou loiros.

A percepção e construção da identidade racial sempre foram questões presentes na minha vida e creio que, por isso, me dediquei à temática. Me lembro uma vez em que eu, aos meus quinze anos de idade, estava sentada em uma cadeira na casa da minha avó enquanto uma amiga da minha tia "que fez curso de cabeleireiro - pode ficar tranquila, esse produto é ótimo -" passava um creme de cheiro forte na minha cabeça. Meu pai passou por mim e perguntou o que estava fazendo. Ao ouvir que meus cachos estavam sendo "relaxados", questionou o porquê. "Porque meu cabelo é ruim", eu disse, repetindo o argumento que me deram horas antes para concordar com o procedimento. Visivelmente aborrecido, ele me mandou que nunca mais dissesse isso porque meu cabelo era muito bonito, como o da minha falecida avó, e deveria me orgulhar disso.

⁴ O fenômeno dos táxis tem sido objeto de estudo da Academia. Um exemplo é o artigo de Erik Bähre: 2014 Bähre, Erik, A trickle-up economy: Mutuality, freedom and Violence in Cape Town's taxi industry, *Africa* 84(4): 576-594.

Nessa época, estava no segundo grau e havia voltado a estudar em escola particular como bolsista, após o ensino fundamental todo em um colégio público. Mais uma vez, a diferença entre meus amigos e eu enfatizava ainda mais quem eu era e me fazia pensar muito sobre como me via e queria ser.

O produto que a amiga da tia colocou era muito forte, ficou muito tempo e me feriu. Não só minha testa - que ficou com uma queimadura química (quase discreta, porque não tenho mais a cicatriz, mas o suficiente para levantar questionamentos e comentários dos coleguinhas) - foi ferida nessa hora, mas meu interior: meu cabelo caiu parcialmente e passei vários meses me sentindo ainda pior. Não soltava o cabelo, andava sempre com um rabo de cavalo ou coque e decidi nunca mais fazer nada parecido.

Ainda que tenha me sentido muito magoada na época, isso me levou a pensar ainda mais sobre quem era: a única negra do meu grupo de amigos, aquela sobre quem as expectativas sempre foram muito intensas e que precisava fazer ainda mais do que os outros para parecer estar no mesmo nível. Escolarmente, não tive um bom desempenho nesse colégio, mas cresci muito na direção do que sou hoje e avancei no caminho dos planos que tracei. Foi nessa época que me interessei mais por quadrinhos, hábito que me acompanha até hoje.

Durante o cursinho pré-vestibular, precisei me esforçar ainda mais. Havia escolhido jornalismo, curso que na época (2004) era o quarto mais concorrido da universidade. Entrei pela primeira turma de cotas, o que foi objeto de minha reflexão: concorrer ou não pelas cotas? Ninguém sabia o que esperar da seleção. Por um lado, como a discussão ainda era muito incipiente, pairava no ar uma ideia de "coitadismo". Concorrer como cotista me parecia ao mesmo tempo me afirmar para a sociedade como quem sou e carregar o estigma de que meu acesso à universidade se dava pelo uso de muletas invisíveis, mas palpáveis por toda a sociedade.

Passei na seleção e me vi em um ambiente em sua maioria hostil a pessoa de pele escura, uma vez que os colegas muitas vezes eram contra as cotas e nos olhavam como prováveis não merecedores das vagas.

Em meu terceiro semestre, tive contato com uma disciplina que me atraiu os olhos para a área de Design gráfico. A professora, negra, nos estimulava muito e, sempre que pertinente, dizia que nós, os cotistas, nos esforçávamos mais que os outros e os resultados eram vistos em nosso trabalho. A disciplina, Design Gráfico, me trouxe para o cotidiano o gosto pelas peças impressas, o que considero ter sido impactante, juntamente com meu gosto por quadrinhos e reafirmação do meu ser nas minhas escolhas de vida e no estabelecimento da construção desse trabalho. Concluí o curso de jornalismo na turma do 2o/2008 e a graduação em Antropologia foi uma necessidade para construir a base para uma desejada pós-graduação unindo as duas áreas.

O formato do projeto de pesquisa surgiu das conversas com minha orientadora, Juliana Braz Dias, que acolheu meu pedido de trabalhar com identidade racial e comunicação, temas afeitos ao meu interesse. O resultado final aqui apresentado é, portanto, um produto de dois caminhos distintos, mas entrelaçados. De um lado, meu percurso pessoal, com as questões subjetivas que agrega. De outro lado, meu investimento profissional, na construção de um trabalho que fosse relevante em termos acadêmicos. O recorte escolhido reúne questões importantes da realidade sul-africana, nomeadamente as decepções da população diante dos rumos políticos do país no período democrático e os conflitos étnicos e raciais que ainda marcam a vida no pós-apartheid.

A estrutura do trabalho

O trabalho divide-se em introdução, três capítulos e conclusão.

No primeiro capítulo é possível encontrar a apresentação de Zuma e dos Zulus de maneira a contextualizar o leitor com um histórico da vida do ex-presidente, bem como a importância e força dos Zulus na África do Sul. Trago também a apresentação de Zapiro,

chargista sul-africano responsável por retratar Zuma em muitos momentos ao longo de sua carreira política e seu antagonista na vida pública.

No segundo capítulo, trato das charges escolhidas para análise. Elas são, em sua maioria, assinadas por Zapiro, mas há também algumas peças de Madam and Eve (tirinha popular no país), de autoria de Stephen Francis e Rico, e uma ilustração de Dr. Jack. Os termos “charge”, “tirinha” e “ilustração” são utilizados neste trabalho todos se remetendo ao gênero opinativo charge (segundo principalmente RABAÇA E BARBOSA, 2002; RIANI, 2002; NETO, 2000), que, não cabendo aprofundamento na área da comunicação, será brevemente apresentado adiante.

Já no terceiro capítulo, apresento o resultado das entrevistas, isto é, uma aproximação às interpretações dos leitores sobre as charges publicadas.

Concluo, a partir da análise dos dados produzidos, defendendo a existência da representação do todo por um, de forma que os Zulus acabam sendo retratados por meio da figura do ex-presidente Jacob Zuma. Aponto ainda a convivência multicultural da África do Sul contemporânea como um dos desafios para essa sociedade e a ambivalência de vícios e valores característicos dos Zulu.

CAPÍTULO 1 – INDODA ENAMANDLA⁵



Nascido em abril de 1942 em Nkandla, Jacob Zuma⁶ é polígamo, tendo se divorciado de duas de suas seis esposas. Estima-se que ele tenha ao menos vinte filhos. Foi o quarto presidente eleito pelo sistema de democracia representativa universal da República da África do Sul. É o terceiro presidente negro eleito após Nelson Mandela, materializando uma sucessão de vitórias do partido do Congresso Nacional Africano (National African Congress - ANC, na sigla em inglês).

Zuma, antes de ser eleito presidente da África do Sul, foi *deputy president* (DP) - representante do presidente – que assume seu lugar enquanto o chefe de Estado estiver fora do país; seja incapaz de executar as responsabilidades do cargo; ou caso haja vacância na presidência. Constitucionalmente, ao DP é atribuída a função de auxiliar o presidente na execução das funções de governo.

Seu mandato como DP durou de 1999 a 2005, quando foi retirado do cargo pelo então presidente Thabo Mbeki, após denúncias de que o conselheiro financeiro de Zuma, Schabir Shaik, teria pedido subornos a mando de Zuma. A posterior acusação de Zuma em um caso de estupro, em 2006⁷, é um dos pontos mais polêmicos de sua trajetória, e será melhor

⁵ IsiZulu para o homem forte, o homem poderoso

⁶ A vida de Zuma já foi objeto de biografias. Seguem alguns exemplos:

- Gordin, Jeremy. Zuma: a biography. 2ª ed. Joanesburgo: Jonathan Ball, 2010.
- Basson, Adriaan. Zuma Exposed. Joanesburgo: Jonathan Ball, 2012.
- Van Onselen, Gareth. Clever Blacks, Jesus and Nkandla: the real Jacob Zuma in his own words. Joanesburgo: Jonathan Ball, 2014.

⁷ O estupro de Fezekile Ntsukela Kuzwayo, conhecida como Khwezi, teria acontecido na noite de 2 de novembro de 2005. A denúncia foi feita em 4 de novembro do mesmo ano. O processo foi a julgamento em 2006.

abordado a seguir. Aqui, noto apenas que, mesmo após o julgamento no qual foi inocentado, e apesar das contradições dos argumentos levantados por ambos os lados da disputa, Zuma foi eleito presidente do partido do Congresso Nacional Africano (ANC) em 18 de dezembro de 2007, depois de derrotar Thabo Mbeki na convenção da ANC.

O estupro da filha de um amigo é um dos mais emblemáticos casos relacionados ao ex-presidente. Khwezi, nome pelo qual ficou conhecida Fezekile Ntsukela Kuzwayo, conhecia Zuma desde seus cinco anos de idade, quando estava exilada com sua família no Zimbábue. Filha de Judson Kuzwayo, amigo de Zuma e ativista do ANC, ela era notadamente conhecida por sua luta contra o HIV/AIDS, sendo ela própria soropositiva.

O julgamento de Zuma, em dezembro de 2005, mobilizou o país inteiro. Khwezi relatava o estupro na casa de Zuma da província de Gauteng. Já Zuma afirmava que o sexo fora consensual.

O andamento do caso era estampado em capas de jornal, e as charges - em especial as de Zapiro - ganhavam destaque, chegando a aparecer em capas de periódicos como o semanário Mail & Guardian.

1.1 – As alegações polêmicas

Primeiramente, é preciso contextualizar a situação da África do Sul com relação a prevalência de HIV/AIDS na população, antes de voltar à cronologia da vida de Zuma.

De acordo com o CIA Factbook⁸, em 2017 a África do Sul era o quarto país do mundo em prevalência de HIV/AIDS na população adulta. Quando considerado o número de pessoas que vivem com o vírus/desenvolveram a doença⁹ - cerca de 7,2 milhões de indivíduos -, o país salta para a primeira posição do globo.

⁸ <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sf.html>, acesso em 2 de setembro de 2019.

⁹ O HIV por si só é considerado infecção. Por isso há diferença entre falar em portadores do vírus e conviver com o vírus/desenvolver a doença.

Quando considerados os dados do Programa das Nações Unidas para HIV/AIDS¹⁰ (Unaid), a África do Sul é a maior área endêmica no mundo, com 19% das pessoas vivendo com HIV, 15% de taxa de novas infecções ao ano e 11% do total de mortes anuais do país relacionadas à AIDS. Apesar de ter o maior programa de tratamento do mundo, com 20% da população do país em terapia antirretroviral, e um dos maiores investimentos do governo no plano de combate à epidemia, o país tem a segunda maior taxa de mortalidade, de acordo com o CIA Factbook, com 110 mil mortes por ano.

É importante trazer dados numéricos na tentativa de mostrar uma imediata dimensão do que acontece no país. É igualmente essencial é lembrar que a Antropologia também se debruça sobre o assunto e suas várias facetas de estudo: na Antropologia Linguística¹¹, Antropologia da Saúde¹², Antropologia Social¹³, só para citar algumas.

A epidemia de AIDS também é abordada de forma multidisciplinar. Inúmeras frentes dedicam-se a estudar o fenômeno no país. Um estudo¹⁴ publicado no *African Journal of AIDS research* traz uma abordagem sistêmica que produziu dados sobre prevalência, incidência e comportamento. O esforço conjunto é mais uma demonstração da presença do assunto na sociedade sul-africana.

¹⁰ AIDS é uma doença causada pelo vírus HIV. Ela ataca o sistema imunológico, responsável pelas células de defesa do organismo e ainda não tem cura conhecida. Para saber mais, consulte: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/aids-hiv>.

¹¹ Black, Steven P. Laughing to Death: Joking as Support amid Stigma for Zulu-Speaking South Africans Living with HIV. *Journal of Linguistic Anthropology*, vol. 22, no. 1, 2012, pp. 87 à 108., www.jstor.org/stable/43104295. Acesso em 4 de setembro de 2020.

¹² Wojcicki, Janet Maia. "She Drank His Money": Survival Sex and the Problem of Violence in Taverns in Gauteng Province, South Africa. *Medical Anthropology Quarterly*, vol. 16, no. 3, 2002, pp. 267 à 293. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/25487768. Acesso em 2 de setembro de 2020.

¹³ DEGELDER, Mieke. "Ways of Dying: AIDS Care and Agency in Contemporary Urban South Africa." *Ethnography*, vol. 13, no. 2, 2012, pp. 189–212. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/43496444. Acesso em 4 de setembro de 2020.

¹⁴ ZUMA, Khangelani. SHISANA, Olive. REHLE, Thomas M. SIMBAYI, Leickness C. JOOSTE, Sean ZUNGU, Nompumelelo. LABADARIOS, Demetre. ONOYA, Dorina. EVANS, Meredith. MOYO, Sizulu. ABDULLAH, Fared. New insights into HIV epidemic in South Africa: key findings from the National HIV Prevalence, Incidence and Behaviour Survey, 2012

Esse contexto é essencial para que se compreenda a dimensão da importância do assunto no país. Personalidades, como o ex-presidente Zuma, são listadas no site da Organização Mundial de Saúde (World Health Organization - WHO) como parte da força-tarefa da área de saúde.

Considerando esse contexto e retomando a cronologia da carreira política de Zuma, faz-se mais clara a repercussão que teve seu depoimento no julgamento em que era réu por estupro.

Quando questionado sobre como foi o encontro com Khwezi na noite em que teria ocorrido o estupro, ele descreveu a relação como consensual e afirmou que, embora soubesse que ela havia sido diagnosticada com o vírus HIV, não usou preservativo. Em seu depoimento, ele disse: "saí do quarto e fui para o chuveiro tomar um banho, para minimizar o risco de infecção pelo vírus."

A afirmação, proferida por alguém que já havia atuado no programa de combate à epidemia de HIV/AIDS, foi motivo de matérias, colunas, comentários e charges que estamparam a primeira página dos jornais. A partir desse momento, ele passou a ser retratado por Zapiro com um chuveirinho na cabeça, caracterização adotada inclusive por outros chargistas em algum momento.

Durante o julgamento – em que negou o estupro – Zuma declarou que estava pronto para casar com Khwezi. Acrescentou que as tias da moça estavam discutindo a possibilidade de casamento e o *lobolo*¹⁵, de acordo com as tradições Zulu. "Claro, se tivéssemos chegado a

¹⁵ O lobolo é uma espécie de agradecimento que o noivo oferece à família da noiva em reconhecimento pelo esforço que aquela família teve para criar a mulher que futuramente será sua esposa. Tradicionalmente, esse agradecimento é feito em gado. Radcliffe-Brown se refere ao lobolo na introdução a Sistemas africanos de parentesco e casamento. RADCLIFFE-BROWN, A. R. "Introdução". In: RADCLIFFE-BROWN, A. R. & FORDE, D. Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

um acordo sobre isso, já estaria pronto com minhas vacas", teria dito o político, de acordo com a matéria da BBC, em referência ao *lobolo*

Ao longo da pesquisa pelas edições do Mail & Guardian, foi possível observar que muitas das críticas abertas feitas a Zuma partiam dos aspectos culturais utilizados como justificativa para atitudes que não eram vistas pela maioria da sociedade com bons olhos.

1.2 - Homem Zulu

"Os Zulu estão em todos os lugares, são donos de tudo. Eles não têm que aprender nossa língua, mas nós precisamos aprender a deles"- N. M. (Xhosa - M)

Um dos mais representativos grupos da África do Sul, opiniões, comentários e visões sobre os Zulu apareceram de maneira enfática ao longo das entrevistas. Motivadas pela auto-declaração de Zuma como Zulu, as visões dos entrevistados permanecem, em sua maioria, apontando para percepção dos Zulus como um povo de viés colonialista e fechado em si, como se não fossem capazes de se atualizar no tempo e considerassem como único conhecimento o próprio, não buscando ter pensamento crítico ou novas fontes.

"Para eles [os homens], riqueza é ter vacas e filhos, muitos filhos. Quem tem isso para ostentar, tem tudo. E terra. Eles também se importam com terra", D.M. (Zulu - F)

Originalmente, os Zulu ocupavam¹⁶ o que hoje é a parte setentrional de Kwa-Zulu Natal. A nação Zulu consistia em membros dessas centenas de clãs, que ocupavam um território definido e eram unificados por sua lealdade ao rei. (GLUCKMAN,2010)¹⁷ A terra pertencia ao rei. Todos que chegassem para ocupá-la, deviam a ele declarar sua lealdade. Todas as

¹⁶ The World`s greatest civilizations: The history and Culture of the Zulu, by Charles River Editor's - Introduction Posição 62, 9% E-book

¹⁷ Glückman, Max. El reino Zulu de Sudáfrica. *in* FORTES, Meyer; EVANS-PRITCHARD, E. E. (orgs).Sistemas Políticos Africanos. Clasicos y contemporaneos en Antropología. Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social. 2010.

“tribos” que compunham a nação falavam dialetos de um mesmo idioma e tinham uma cultura em comum. Era o rei Zulu quem estabelecia relações em nome do povo com outras nações e líderes. Ele realizava ritos religiosos, possuía tratamentos terapêuticos e era o responsável pela justiça.

Sendo o mais conhecido e numeroso grupo étnico da África do Sul, os Zulu representam, aproximadamente, 11 milhões de pessoas, sendo que cerca de 8 milhões vivem em KwaZulu-Natal. A língua falada por eles é o isiZulu, pertencente ao tronco linguístico bantu e parte do subgrupo Nguni, compreendida por mais da metade da população sul africana.

A religião tradicional é baseada na celebração dos ancestrais, crença em um Deus criador chamado Unkulunkulu e em feiticeiras e magos.

Com as crianças pertencendo à linhagem paterna, a unidade tradicional de família Zulu é composta pelo homem, sua esposa ou esposas e seus filhos. A herança das propriedades segue a linhagem patrilinear, a não ser no caso de filhos ilegítimos, em que a criança permanece na linhagem de sua mãe, uma vez que o pai não pagou o Lobolo ou o Inhlawulo (espécie de indenização pela gravidez sem casamento) ao pai da mulher.

Os Zulus têm um papel importante nas esferas acadêmica, cultural, econômica e política da África do Sul. O ANC, por exemplo, é um movimento político não tribal formado para lutar pela liberdade das pessoas negras, enquanto o Inkatha Freedom Party (IFP) foi inicialmente um movimento cultural Zulu que evoluiu para um partido político representativo.

O IFP utilizou-se do passado e costumes Zulu para angariar apoio, alcançar ganhos políticos e educar a juventude. Daphna Golan¹⁸ nos conta que os embates entre apoiadores de IFP e ANC resultaram na morte de milhares de pessoas. O contador de mortes políticas na África do Sul em 1990 foi o mais alto que o país já viu. Enquanto o Inkatha, que é um movimento

¹⁸ ⁸ Golan, Daphna. “Inkatha and Its Use of the Zulu Past.” *History in Africa*, vol. 18, 1991, pp. 113–126. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/3172057. Accessed 21 June 2020.

baseado nos costumes Zulus, tenta manter a divisão étnica do regime do apartheid, a ANC prega um movimento democrático não-étnico, em um sistema político eleito na base do "um homem, um voto". A luta do ANC é sobre o futuro da África do Sul, sobre compartilhar o poder e recursos. Também é, no entanto, sobre o passado e uso de seus símbolos. (GOLAN, 1991)

Na África do Sul, a identidade Zulu tem estado intimamente ligada às formas de governo, alojamento e resistência que se desenvolveu ao longo dos séculos XIX e XX (WHITE¹⁹, 2012, p. 398). Deduzindo as campanhas de Zuma por meio dessas repetições de etnicidade, às quais ele se agarrou ao longo de suas falas, incluindo as declarações ao longo de seu julgamento por estupro, nos distrai da característica cultural mais importante que afetou na reunião de apoiadores à sua volta durante sua corrida à presidência.

Hylton White defende que o apego de Zuma à etnicidade deu a seus apoiadores a fantasia de um relacionamento mais direto com o Estado, como forma de superar a exclusão social em um contexto marcado por desemprego maciço e insegurança pessoal. (p.399)

1.3 - Zuma Zulu

A caracterização do homem Zulu faz-se importante nesse trabalho por ter sido um gancho recorrente em matérias e charges, além de ter sido lembrada em todas as entrevistas. Algumas das características comumente associadas ao homem Zulu ao longo das conversas e entrevistas que tive durante o período de campo foram evocadas por Zuma em seu julgamento por estupro, em 2006. Thembisa Waetjen e Geherard Maré²⁰ lembram algumas dessas características do homem Zulu que foram apropriadas por Zuma em suas declarações: o homem Zulu é obrigado a seguir os preceitos de sua cultura e segue a moral

¹⁹ White, Hylton. "A Post-Fordist Ethnicity: Insecurity, Authority, and Identity in South Africa." *Anthropological Quarterly*, vol. 85, no. 2, 2012, pp. 397–427. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/41857248. Accessed 21 June 2020.

²⁰ Waetjen, Thembisa, and Gerhard Maré. "Tradition's Desire: The Politics of Culture in the Rape Trial of Jacob Zuma." *Theoria: A Journal of Social and Political Theory*, vol. 56, no. 118, 2009, pp. 63–81. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/41802426. Acessado em 20 de junho de 2020.

do patriarcado. Os autores enfatizam que o objetivo desse apontamento não é discutir a validade das invocações de características culturais feitas por Zuma, mas destacar o poder político e conteúdo masculino das alegações culturais e seus efeitos. (p.75) As discussões das relações entre homens e mulheres são centradas em questões de poder e propriedade, o significado de gestos, vestimentas, transações financeiras privadas e mensagens de cunho sexual que se destinam a demonstrar o poder e influência das mulheres sobre os homens.

Destaco: Ele [Zuma] identificou o gênero como um campo de propriedade e costumes em que o caótico poder feminino é racionalizado e domesticado por meio dos códigos morais da cultura (patriarcal). (p.77)

Ao longo de sua vida pública, Zuma usa sua identidade Zulu como justificativa para muitos de seus comportamentos que são reverberados pela imprensa e opinião pública. Dentre os comportamentos justificados por seu pertencimento à cultura Zulu destacam-se os casos:

- **estupro de Khwezi** "Eu disse a mim que sabia que crescemos em uma cultura Zulu e que não deixamos uma mulher nessa situação²¹ porque ela pode até pedir para te prender e dizer que você a estuprou"- Transcrição do depoimento²² de Zuma sobre o que Khwezi teria dito para que ele consentisse com o sexo.

- **Nkandla**²³ O projeto inteiro de Nkandla incluiu uma piscina, centro de visitantes, anfiteatro, curral, marquise, extensa área pavimentada e casas novas para familiares. Essas

²¹ A situação a que Zuma se refere é o estado de excitação sexual. Pode-se ler mais sobre essa declaração na página 73 do trabalho de Waetjen, Thembisa, and Gerhard Maré. "Tradition's Desire: The Politics of Culture in the Rape Trial of Jacob Zuma." *Theoria: A Journal of Social and Political Theory*, vol. 56, no. 118, 2009, pp. 63–81. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/41802426. Acesso em 21 de junho de 2020.

²² SKEEN, Elizabeth. *The rape of a Trial: Jacob Zuma, AIDS, Conspiracy, and Tribalism in Neo-liberal Pos Apartheid South Africa*. Princeton, 2007. Acesso em 20 de junho de 2020 - https://lapa.princeton.edu/hosteddocs/skeen_2007_thesis.pdf

²³ Nkandla foi uma residência do ex-presidente Jacob Zuma, em que recursos públicos foram utilizados para incrementar a segurança do local. <https://mg.co.za/article/2013-11-28-nkandla-report-zuma-in-the-deep-end/>
<https://mg.co.za/article/2014-08-14-how-to-waste-r155-million-on-jacob-zumas-homestead/>

facilidades foram inclusas impropriamente como um melhorias de segurança incrementando o custo, pago pelo cidadão. O orçamento original da obra girava em torno de 28 milhões de Rands. Mas com o arquiteto pessoal de Zuma como responsável - que, somente ele recebeu 17 milhões - a obra custou quase dez vezes mais que o valor original.

- **quantidade²⁴de filhos e seus favorecimentos²⁵** "Cumpridos os ritos culturais mandatórios em uma situação dessa natureza, como o reconhecimento formal de paternidade e responsabilidade, incluindo o pagamento de inhlawulo à família", disse Zuma sobre o nascimento de seu vigésimo filho, uma menina.

"Thuthukile, filha do presidente Zuma, pode ter feito história como a mais jovem chefe de gabinete de um ministério. Sua dramática ascensão à posição, que ela assumiu em maio após indicação do pai, levantou preocupações sobre o nepotismo político"

- **fatura em cerimônias²⁶** "A agência responsável por vender os direitos de imagem do casamento de Khulubuse Zuma descreveu a cerimônia como um grande casamento real entre a casa mais distinta da África do Sul e a monarquia da Suazilândia, um arranjo esbanjador. Serão duas cerimônias, uma na casa real de Swazi e uma na casa de Khulubuse em Nkandla, duas semanas depois.

- **declarações controversas** "Sei que como um homem as chances de contrair a doença por ter feito sexo com uma mulher são mínimas e eu não seria automaticamente infectado", acrescentou após explicar que ele liderou uma iniciativa governamental sobre o combate à AIDS e que tem um alto nível de conhecimento²⁷ sobre a doença.

²⁴ <https://mg.co.za/article/2010-02-03-zuma-confirms-love-child/>

²⁵ <https://mg.co.za/article/2014-07-24-zumas-daughter-gets-top-state-job/>

²⁶ <https://mg.co.za/article/2013-08-08-00-get-knotted-khulubuse/>

²⁷ SKEEN, Elizabeth. The rape of a Trial: Jacob Zuma, AIDS, Conspiracy, and Tribalism in Neo-liberal Pos Apartheid South Africa. Princeton, 2007. Acesso em 20 de junho de 2020

"Temos mais direitos por sermos uma maioria. Vocês têm menos direitos por serem uma minoria. É como uma democracia funciona. É uma questão de aceitar as regras e trabalhar dentro delas"- President's question time National Assembly ²⁸em 13 de novembro de 2012

A professora de literatura africana e estudos de gênero da Universidade de Witswatersrand, Pumla Dineo Gqola, relata em seu livro, *RAPE: A South African Nightmare* (2015), a análise que fez do caso por meio do acompanhamento da seção de opiniões do Mail & Guardian. Em uma edição, considerada pela autora como "representativa da cobertura do julgamento de Zuma pelo periódico"(114), ela relata a carta de Mkhululi Kobe, de Port Elizabeth. Na edição destacada, a carta deste leitor começa citando que o julgamento de Zuma polarizou a sociedade de uma maneira tão significativa que ele foi alertado de que deveria "segurar a língua" para salvaguardar seu futuro econômico e profissional. Para a professora, o fato de Kobe mencionar esse conselho para, em seguida ignorá-lo, apenas demonstra que o autor da carta pensa que o que está em jogo é muito importante. (p.115)

A narrativa da autora sobre a carta de Kobe continua:

"Kobe escolhe apontar as alusões contraditórias de Zuma à cultura Zulu apontando quantas normas consolidadas ele descarta por oportunismo, incluindo comprometer a integridade de sua própria filha fazendo com que ela fale sobre a sexualidade do pai [...] Se Zuma realmente tem em alta consideração as regras Zulu como diz, ele deveria ser mais coerente e manter seus filhos longe de questões sexuais, diz Kobe. Zuma falhou em manter a distância mínima entre seus filhos e suas próprias atividades sexuais, e assim ele mostra que apenas lembra dos valores culturais Zulu quando isso irá ajudar em seu caso. Zombar deles como o faz irá "fazer bem" a ele." (p.115)*

O exemplo acima exposto demonstra bem os sentimentos que circulavam pela sociedade durante o julgamento de Zuma.

²⁸ BRIDGEN, Elizabeth. VERCIC, Dejan. *Experiencing Public Relations: International Voices*. Routledge, 2018

Os valores culturais do político foram questionados ao longo de todo o período analisado neste trabalho, desde os anos que antecederam sua ascensão à presidência do país, aos momentos quase finais de seus dois mandatos.

CAPÍTULO 2 - CHARGES

Uma vez escolhidas pelos critérios previamente expostos, as charges foram impressas e apresentadas ao início de cada entrevista. A ordem em que eram apresentadas vem de uma técnica de retórica, em que não se indis põe o interlocutor com as (perguntas/charges/notícias/etc) mais intragáveis primeiro. Assim, construí uma narrativa agregada por assuntos que ajudou a introduzir o tema central.

Su Opperman e Andy Mason escreveram o capítulo *South African Cartooning in the Post-Apartheid Era*²⁹, no livro editado por Peter Limb e Tejumola Olaniyan, *Taking African Cartoons Seriously: politics, satire and culture*.

Opperman e Mason trazem à luz os cartunistas alternativos que emergiram na década de 1980. Mais radicais, eles desenhavam para a imprensa alternativa da época, em que o mais importante era o Weekly Mail (que depois se transformou em Weekly Mail & Guardian e hoje é Mail & Guardian). Alguns dos importantes cartunistas da imprensa alternativa incluem, dentre outros, Rico³⁰ (Enrico Schacherl) e Stephen Francis³¹ (responsáveis pela tirinha política Madam & Eve no Weekly Mail e outros jornais), e Zapiro (que passou pelos veículos South, Sowetan, Mail & Guardian, Independent Newspapers Group e The Times).

Os autores Su Opperman e Andy Mason defendem que, quando se observa a representação feita nos cartuns do ex-presidente Thabo Mbeki - que sucedeu Nelson Mandela e antecedeu Zuma -, percebe-se que era muito branda. Especialmente se comparada ao peso das sátiras a que Zuma seria submetido.

²⁹ Mason, Andy, and Su Opperman. "South African Cartooning in the Post-Apartheid Era." *Taking African Cartoons Seriously: Politics, Satire, and Culture*, edited by PETER LIMB and TEJUMOLA OLANIYAN, Michigan State University Press, East Lansing, 2018, pp. 33–70

³⁰ Rico Scharcherl é branco, nasceu na Áustria em 1966 e sua família emigrou para a África do Sul quando ainda era criança. Criou em 1992, juntamente com Stephen Francis, a tirinha Madam & Eve. É responsável pela parte visual do trabalho.

³¹ Stephen Francis é branco, nasceu nos Estados Unidos em 1949 e se mudou para a África do Sul em 1988 ao se casar com uma sul-africana. Ele é responsável pelas histórias das tirinhas de Madam & Eve.

Neste sentido, destacam-se dois casos. O primeiro, em 2012, quando o artista Brett Murray expôs sua obra, *The Spear*, que mostrou Zuma em uma pose que remete ao famoso retrato soviético de Lênin, mas com os genitais expostos. O segundo, uma das mais controversas charges de Zapiro: O estupro da Justiça.

Os autores defendem que:

"As controvérsias que revolveram em torno do *Rape of Lady Justice* e *The Spear*, tiveram o efeito de introduzir conceitos que se enquadram como mecanismos nos espaços públicos sul africanos, o que permitiu que não acadêmicos participassem de maneira mais resoluta da conversa sobre raça e representação, especialmente no que concerne às formas com que negros foram representados historicamente por artistas, fotógrafos e cartunistas brancos. Consequentemente, agora existe o robusto debate não apenas na mídia e publicações acadêmicas, mas nas mídias sociais. O debate circula em torno da ideia de que muitos membros da mídia, incluindo cartunistas, são daltônicos e surdos nos tons de simbolismo visual e retórico de racismo e sexismo. (OPPERMAN, MASON, 2018)

Enfatizo aqui o forte conteúdo simbólico das duas obras mencionadas por Opperman e Mason.

O estupro da Justiça (*Rape of Lady Justice*), publicado por Zapiro em 2008, foi um controverso trabalho que teve muitas repercussões. Mostra o ex-presidente Zuma abrindo o zíper das calças com a intenção de estuprar a senhora justiça, que está sendo segurada no chão pelo secretário-geral da ANC, Gwede Mantashe, e pelos líderes da aliança tripartite: Julius Malema³² (Liga Jovem da ANC –ANCYL-, à época), Zwelinzima Vavi (Cosatu³³) e

³² Julius Malema foi presidente da liga jovem da ANC entre 2008 e 2012. Ele se uniu ao partido aos nove anos de idade e foi expulso da ANC em 2012, aos 31 anos, tendo sido o primeiro líder da liga jovem a sofrer essa punição desde sua fundação por Nelson Mandela em 1944. Foi apadrinhado político de Jacob Zuma tendo sido parte fundamental para a eleição de Zuma e sua aceitação entre os eleitores mais jovens.

³³ Congress of South African Trade Unions. Em tradução livre, Congresso dos Sindicatos Sul Africanos.

Blade Nzimande (SACP³⁴). Mantashe incentiva o estupro em uma frase que, em tradução livre, pode ser lida como "vá fundo, chefe" (no original: *go for it, boss*).

Originalmente publicada no jornal South African Sunday Times, a charge não apenas criou indignação entre os partidos nela representados, mas inflamou a discussão sobre a dinâmica entre Jacob Zuma e o sistema judiciário sul africano.

Zapiro lembra, em seu site, o contexto em que a peça foi publicada, essencial para a compreensão de uma charge: Malema ameaçou matar por Zuma, se o caso relacionado às acusações por corrupção seguisse adiante; Vavi fez coro com compromisso de Malema e disse que haveria anarquia, se o caso continuasse. Os juízes da corte constitucional também foram chamados por ele de antirrevolucionários; era de conhecimento geral que a aliança tripartite, como aliada do ex-presidente, demandava uma solução política para as acusações de corrupção contra Zuma. O autor acredita que, dado o contexto, Zuma e os outros retratados na charge ameaçaram o sistema de justiça.

Em 2012, o artista Plástico Brett Murray, apresenta sua obra intitulada *The Spear* (A lança, em tradução livre) em uma galeria de Johannesburgo. A peça é inspirada no pôster *Lenin Lived, Lenin is Alive, Lenin Will Live* (Lenin viveu, Lenin vive, Lenin viverá para sempre, em tradução livre), de Viktor Semyonovich Inanov, que retrata o ex-ditador Russo, Wladimir Lênin, como herói da revolução russa de 1917. Na obra de 2012, é possível ver Zuma seguindo um esquema de cores e pose similar à obra que retrata Lenin, mas com os genitais expostos. A mostra em que a obra foi exibida - *Heil to the Thief II* - continha várias peças que sugeriam a corrupção e desgoverno da ANC.

As reações negativas vieram depois que foi publicado o review da exposição. Comoções públicas e legais eram rotineiras e a ANC entrou com um mandado de injunção para garantir a retirada de *The Spear* da exibição ao público. A pintura foi vandalizada enquanto anda estava em exibição e protestos tomaram as ruas para garantir o direito à Dignidade de Jacob

³⁴ *South African Communist Party*. Em tradução livre, Partido comunista da África do Sul

Zuma. Debates sobre o direito à liberdade de expressão e dignidade se travaram em noticiários e principais veículos de mídia. O órgão sul Africano para regulação de filmes e publicações - *Board of Films and Publications*, no original em inglês – classificou a obra como imprópria para menores de 16 anos. Em matéria de 28 de maio de 2012 sobre a obra, a BBC afirma que "*The Spear* continua a dominar o discurso público no país, provocando um diálogo doloroso sobre o suporte ao legado de injustiças do apartheid na África do Sul; as políticas de raça, representação e reconciliação; o status da cultura e conhecimentos tradicionais no mundo contemporâneo, direitos e responsabilidades individuais e censura."

Nos dois casos, o diálogo ultrapassa as fronteiras da academia sobre quais os limites na conversa sobre raça e representação, especialmente no que concerne às formas pelas quais negros foram representados historicamente por artistas, fotógrafos e cartunistas brancos. Nota-se que Bret Murray e Zapiro são artistas brancos por trás dessas representações. Ambos, em entrevistas, declaram-se não racistas e ativistas anti-apartheid ao longo de suas carreiras.

As comoções populares, legais e midiáticas que se seguiram à publicação dessas duas obras não se comparam a nada que tenha sido publicado sobre Thabo Mbeki ou qualquer um dos sucessores de Zuma. A população passa a questionar o papel dos artistas.

Além dessas situações, outros incidentes causaram reações fortes do público acusando de racismo cartunistas brancos. Cartas aos jornais, debates entre personalidades e outras polêmicas estavam entre os questionamentos dos trabalhos de Zapiro e Curtis and Dr Jack. Curtis e Dr. Jack publicaram uma charge em que mostram um congresso de palhaços e o povo como os palhaços que elegeram tais representantes. Na tirinha, o uso da legenda "*We, the poepholes*", indicando os eleitores, causou uma forte reação. A expressão em africâner é uma gíria para imbecis e representava os eleitores que acabavam de recolocar a ANC no poder. E uma temática sensível retratada por dois cartunistas brancos sobre um povo majoritariamente negro.

Curtis and Dr. Jack escreveram um pedido de desculpas³⁵ em que dizem "a resposta nos pegou de surpresa e nos causou consternação. Nos permitiu ainda tirar um tempo para refletir e pensar introspectivamente... A tirinha não pretendia, de nenhuma maneira, ser um comentário sobre raça, mas sobre o panorama político".

Opperman e Mason tiveram a oportunidade de entrevistar ³⁶Zapiro sobre a complexidade da situação sociopolítica e econômica, que faz parte do contexto em que as charges são pensadas pelos autores e recebidas pelo público. Conversaram, inclusive, sobre as repercussões do trabalho de Curtis e Dr. Jack.³⁷ O chargista acredita que o debate em torno do racismo causou o efeito de tornar os cartunistas mais cautelosos em seus trabalhos. "Até no meu caso, em que tenho um portfólio robusto que demonstra um viés contrário ao racismo, percebi que tenho que pensar em como as pessoas podem interpretar um cartum em particular[...] ", reconhece.

Importa notar que, buscando alternativas para combater a alta taxa de analfabetismo na África do Sul, ativistas anti-apartheid das décadas de 1980 e 1990 incentivaram a produção de quadrinhos para educação e conscientização do povo.

Na década de 1980, cartunistas como Andy Mason - também conhecido como N. D. Mazin – focaram-se em produzir conteúdo que atraísse as massas iletradas e trouxesse o interesse em aprender. O trabalho³⁸ consistia em peças, tirinhas ou charges com conteúdos que se mostrassem ricos aos olhos da população das periferias. Mason é branco, formou-se na Universidade de Natal (hoje, KwaZulu Natal) e, após a graduação, passou a trabalhar com

³⁵<https://ewn.co.za/2014/05/29/Note-from-Dr-Jack-and-Curtis> - acessado em 3 de julho de 2020.

³⁶ LIMB, PETER, and TEJUMOLA OLANIYAN, editors. "Zapiro: (Jonathan Shapiro, South Africa)." *Taking African Cartoons Seriously: Politics, Satire, and Culture*, Michigan State University Press, East Lansing, 2018, pp. 161–178.

³⁷ Dr. Jack é branco, nascido Jack Swanepoele, White River na província de Mpumalanga, em 1965, ele se graduou em Design Gráfico pela Universidade de Tecnologia de Tshwane.

³⁸ Para entender mais, veja os capítulos dez e onze de seu livro *What's so Funny: Under the Skyn of South African Cartooning*, disponível em https://issuu.com/ndmazin/docs/whats_so_funny

quadrinhos anti-apartheid. Ele publicou na revista *Staffrider* e seu trabalho mais renomado com a intenção de atrair as massas para a leitura foi a tirinha *Sloppy*, publicada em conjunto com Mogorosumi Motshumi, durante dez anos na revista *Learn and Teach* – aprenda e ensine, em tradução livre, que seguia os preceitos defendidos por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*.

Além disso, na entrevista de Opperman e Mason com Zapiro, realizada no estúdio do cartunista na Cidade do Cabo, em 19 de julho de 2016, percebe-se que o contexto da conversa é muito apropriado para a compreensão dos pontos de vista do cartunista, que não se considera racista, apesar das polêmicas levantadas em torno de certos trabalhos seus. É interessante frisar que os autores que entrevistaram Zapiro consideraram que, pelo corpo de sua obra, ele foi um dos autores que conseguiram se posicionar de forma mais bem-sucedida contra o Apartheid e diferenças entre brancos e negros.

Excertos de entrevista com Zapiro:

Zapiro:

"Sempre acreditei que as pessoas tentariam considerar o conjunto das minhas obras quando lessem meu trabalho", Entrevista concedida a Andy Mason e publicada no livro. A entrevista versava sobre cartuns políticos, discurso racial e mídia social na África do Sul

Quando eu desenhava para o Sowetan, por exemplo, as pessoas seguiam minhas publicações e liam meus cartuns como se fosse uma conversa que se estendesse. Então era uma conversa bem mais longa do que os minutos ou segundos que se leva para ler um cartum e formar uma opinião sobre isso. Se uma pessoa vê algo pela primeira vez e isso acontece nas mídias sociais com frequência, eles podem simplesmente reagir e pensar que essa seria a expressão de uma mentalidade racista. Eu acredito que isso é o que tende a acontecer atualmente.

AM: Em algumas de nossas conversas anteriores, nós lidamos com todo o assunto da "raiva manufaturada", no tocante à pintura de Brett Murray's [ITÁLICO] *The Spear* e a sua

[Estupro da Senhora Justiça". Olhamos a recepção do público a esses trabalhos e fizemos comparações com as representações de outros trabalhos. Assim percebemos que esses outros trabalhos foram ignorados pelos poderes. [...]O que é interessante sobre a discussão corrente é a sugestão de que as pessoas que consideraram uma exceção o cartum, não foram necessariamente movidas pela agenda política de um partido, mas se uniram a um discurso sobre racismo, dirigido pelas mídias sociais, nas quais eles passam a reagir fortemente a imagens que encontram na internet e percebem como racistas. O que eu considero interessante é que não necessariamente essas imagens são encontradas em seu contexto original, mas em um contexto que já está de certa maneira desassociado de seu contexto original.

Claro que eu sabia, quando fiz o desenho, que estava entrando em um território arriscado, mas é um espaço onde já estive muitas vezes. Quando, por exemplo, você tem uma representação que invoca metáforas problemáticas, bem como uma representação na mesma charge em que não há [as metáforas problemáticas], em outras palavras, quando os dois personagens são representados de maneiras diferentes completamente opostas - para mostrar que é possível haver diálogo. Não é como se houvesse uma representação racista generalizada no cartum. Eu fiz inúmeros desenhos como esses nos últimos dez a quinze anos. E eles sempre foram discutidos, nunca houve um furor como esses sobre nenhum deles.

AM: Então esse furor foi especificamente e intrinsecamente por causa do macaco como um símbolo?

AM: Da sua perspectiva de chargista (cartunista político), você em algum momento sente que sua voz está sendo apropriada por discursos?

SO: Então você está dizendo que a polarização do pensamento na sociedade sul africana é tamanha que as metáforas ou conceitos que nós usamos ou empregamos para definir nossa sociedade estão na verdade sendo simplificadas, o que não faz muito pelo debate ou pela sátira.

Z: sim, eu diria isso.

Zapiro comenta com relação a uma charge em que se utilizou de um macaco para representar Zuma:

Naquele momento, penso que minha percepção era de que as pessoas iriam entender a sofisticação de Zuma em ter seu próprio lacaio em forma de um pequeno macaco. [...] Quando decidi chegar a este ponto, eu pensei que isso era um pouco arriscado, mas não seria sofisticado e provocativo? Tentei provocar. Talvez seja uma falha na autocensura, ou na inteligência emocional, não tenho certeza de qual, mas estava tentando ser provocativo. [...] No fim, me desculpei. Basicamente tive que aceitar que há coisas nas quais não posso fazer o que costumava ser capaz de fazer.

AM: Minha última pergunta: você acredita que estruturalmente, sua posição como um cartunista branco na África do Sul hoje é fundamentalmente odiosa?

Z: Acho que talvez seja um termo muito forte para ser usado. "Fundamentalmente odiosa" soa como se fosse completamente indefensável e não creio que seja o caso. No entanto, acredito que as coisas tenham mudado. De minha parte, creio que preciso inibir algumas propensões.

Acredito, pelo tom da entrevista, que um dos papéis fundamentais do jornalismo se faz presente nas reflexões trazidas pelos autores em suas perguntas e por Zapiro em suas respostas. Instigar, questionar, fazer pensar é um dos papéis do jornalista, em gêneros que tragam ou não opinião. Pela abordagem das Ciências Sociais, o delineamento dos traços marcantes de cultura também é visível.

2.1 A Semiótica do assunto

É essencial que um profissional da área de comunicação possa analisar as mensagens verbais e não verbais que lhe são apresentadas. O mesmo se espera de alguém que atua na área de Ciências Sociais ou que nela busca sua formação. No entanto, há uma diferença muito grande quanto à manifestação dessas análises e percepções em cada esfera desses saberes. Para o jornalista, busca-se sempre a isenção ao tratar - isso ao considerarmos sua

função de comunicar a seu público - do que apreende daquilo que seu senso crítico analisa. Apenas quando declaradamente afirma se tratar de uma opinião, pode ele se expressar (quase) livremente nesse sentido.

Ao selecionar as charges, por meio do processo análogo de *gatekeeping* - que em sua essência já aconteceu na seleção do que é apresentado como notícia, mas que também se apresenta de certa forma em como o pesquisador seleciona o que trazer como relato de seu trabalho - é necessário apoiar-se em conceitos de semiótica. Por meio dessa base é que se faz possível a construção do que é midiaticamente relevante, ao lado, claro, de hierarquia de notícias e outros conceitos já abordados nessa dissertação.

Faz-se importante notar que o processo a que me refiro aqui é o de seleção das charges. *Gatekeeping*, de forma simples, é o processo de decidir o que é publicado ou não. Quando o jornal decidiu publicar as charges, ele já fez um *gatekeeping*. No meu caso, fiz outra filtragem. Ao não utilizar todas as charges que encontrei, também fiz uma seleção. Não é exatamente um *gatekeeping*, por não corresponder à descrição do processo em si, mas essencialmente é a mesma lógica.

Para nos servir a uma definição mais precisa e clara sobre o que seria a análise semiótica, é interessante começar pela elucidação que Martine Joly faz sobre a imagem -na qual se inserem as charges desse trabalho- em seu livro Introdução à análise da imagem:

"A imagem, na língua, é o nome comum dado à metáfora. A metáfora é a figura de retórica mais utilizada, mais conhecida e mais estudada, aquela a que o dicionário atribui como sinônimo imagem. Aquilo que sabemos da metáfora verbal ou do falar por imagens é que consiste em empregar uma palavra por outra, em função da sua relação analógica ou de comparação."(JOLY, p.23)

A autora defende que uma abordagem teórica da imagem é uma ferramenta que poderia nos ajudar a compreender sua especificidade. Dessa forma, ela coloca que

"abordar ou estudar certos fenômenos sob seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações. Efetivamente, um signo é um signo apenas quando exprime ideias e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa" (JOLY p.30).

Controversamente -para efeitos da junção de áreas deste trabalho - a autora aborda ainda o papel do cientista semiótico e o difere daquele exercido pelo antropólogo:

"O propósito do cientista semiótico não é o de decifrar o mundo nem o de recensar os diferentes significados que nós atribuímos aos objetos, às situações, aos fenômenos naturais, etc. esse poderá ser o trabalho do etnólogo ou do antropólogo, do sociólogo, do psicólogo ou mesmo do filósofo".

Para que uma análise possa ser levada a efeito, é preciso observar pontos e limites como referência. A escolha desses critérios pode ser encontrada ao observarmos o ponto de intersecção no exame das imagens, em outras palavras, o que se sobrepõe ou coincide quando analisamos as imagens.

Compreender o que a mensagem suscita em nós e compará-la com outras interpretações é o ponto para que se chegue a “uma interpretação razoável e plausível da mensagem, num momento X e nas circunstâncias Y”.(JOLY Idem p.49)

Não apenas Joly se debruça sobre a questão. (Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 8, n. 17, p. 265-275, set./dez. 2007) Ana Rosa Vidigal Dolabella (2007) também traz como foco da discussão a leitura de imagens, principalmente aquelas que compõem a charge e o cartum, gêneros discursivos do humor gráfico em jornais impressos. Essas modalidades discursivas do humor gráfico conquistam espaços de importância em jornais, uma vez que são publicadas inclusive na primeira página, disputando espaço com manchetes do dia, o que representa uma hierarquia de importância e a assunção de um local de destaque nos periódicos. Duas charges de Zapiro sobre Zuma apareceram na primeira página, inclusive.

Um dos traços característicos da charge é a pretensão de influenciar a opinião dos leitores a respeito de algum ponto de vista. Isso é verificado na medida em que a charge ocupa espaços privilegiados nos jornais impressos, por exemplo, retomando alguma notícia de primeira página ou editoriais. (DOLABELLA, 2007)

O cartum e a charge necessariamente precisam estar em um contexto de saberes partilhados pelos integrantes de um grupo social. São construídos a partir de um conhecimento prévio determinado, articulado a uma memória discursiva, em uma ampla rede de conexões para que, como falamos anteriormente, a mensagem produza o efeito desejado em um espaço físico do papel (aqui tratamos do material impresso) tão exíguo. (DOLABELLA, 2007)

Para entender uma charge é essencial que se possa acionar elementos de referência, texto e contexto, muito vinculados a temporalidade. No cartum a leitura crítica irá demandar a ativação de elementos que concernem a linguagens como a ética, estética, cultural, histórica, social e política. (DOLABELLA, 2007)

Faz-se essencial, nesse mesmo sentido, lembrar uma passagem de *A Interpretação das Culturas*, onde é dito que a interpretação antropológica está construindo uma leitura do que acontece. Nesse caso, divorciá-la do que acontece – do que, nessa ocasião ou naquele lugar, pessoas específicas dizem, o que elas fazem, o que é feito a elas, a partir de todo o vasto negócio do mundo - é divorciá-las das suas aplicações e torná-la vazia. (GEERTZ, 1973)

Geertz traz a ideia de que, sob certo ângulo, um dos objetivos da Antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. Para esse objetivo, o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. A cultura não é um poder, mas um contexto dentro do qual os processos e instituições podem ser descritos de forma inteligível, com densidade. (GEERTZ, 1973)

Os próximos itens deverão tratar da apresentação das peças gráficas satíricas e a interpretação que levou à escolha de quais seriam apresentadas ao público. A partir do item 2.2.12 estão aqueles que não foram mostrados a todos os entrevistados.

2.2 Charges analisadas

Durante a pesquisa de campo pelos arquivos do semanário Mail & Guardian, tornou-se ainda mais clara a percepção da representação Zulu nas charges. Principalmente as de Zapiro. Quando pensadas em conjunto, a associação é inevitável: ainda que as outras não o estivessem fazendo, o leitor observa, na maioria das vezes com apenas uma página de diferença, as peças de humor gráfico apresentadas.

Ao longo da redação deste trabalho, deparei-me com uma peça que, para mim, marcou ainda mais a leitura de que há uma cultura toda sendo representada por meio de um único indivíduo. Em outras palavras, há uma relação forte de identificação entre Zuma e os Zulus como um todo. Publicada por Zapiro, em 9 de maio de 2006, no Independent Newspapers, é possível encontrar a estreia do chuveiro de Zuma, em uma charge que deixa ainda mais clara a intenção do autor em demonstrar um estereótipo da cultura Zulu (e com isso também as piores características associadas a esse povo).



[Zapiro](#), Independent Newspapers. África do Sul, 9 de maio de 2006.

A pesada crítica traz diversos elementos da cultura Zulu - de acordo com o dito por Zuma durante o julgamento - e foi publicada após o político ter sido inocentado das acusações de estupro.

Na imagem, observamos um Zuma com cara de porco, utilizando-se do chuveiro que supostamente ajudaria a minimizar o risco do contágio por HIV. A metralhadora dispara espermatozóides; o óleo de bebê que carrega consigo faz referência à massagem que teria oferecido à Khwezi na noite do estupro, como conta de seu depoimento. A inscrição em sua blusa diz "Membro do Partido Comunista e com orgulho". Já a arma, com a inscrição Umshini Wami é referência a uma canção de libertação que ele cantou para seus apoiadores e como ele gostaria de usar a arma em seus inimigos. Na mira da arma é possível ver uma placa que diz "saias curtas" em uma alusão ao uso de roupas provocantes por mulheres, que, como a Kanga de Khwezi, seria sinal de sedução e desejo por sexo. Por último, percebe-se em sua capa a inscrição Zuma Culture em Substituição à Zulu Culture, que seria originalmente o ponto em que o ex-presidente encontrou abrigo para fazer sua defesa.

Durante a época do julgamento, os jornais publicaram com ênfase a estratégia de Zuma de recorrer aos costumes Zulu como justificativa para o que teriam sido sinais que ele interpretou como sinal verde para o ato sexual, que ele descreveu como consensual. A defesa de Khwezi também utilizou-se de práticas como o dever de proteção e de como ela teria se sentido segura perto de alguém que considerava como um tio para ter confiança o suficiente para dormir na casa dele.

Ao mesmo tempo em que o personagem Zuma declara que sua credibilidade está intacta, é possível observar papéis amassados nos degraus da suprema corte. Em um deles, lê-se "princípios", em uma alusão aos princípios que deixaram de ter valor naquele momento. Creio ser crucial para o entendimento da charge a informação de que os princípios não valem mais nada. Isso tudo em frente à multidão que observa a saída de Zuma, no canto inferior direito. Do meu ponto de vista, Zapiro mostra que Zuma conseguiu enganar a plateia fazendo de seus próprios valores os valores da cultura Zulu, com o aceite da Suprema corte e tendo seus apoiadores como testemunha.

No artigo³⁹ *Zapiro: The Work of a Political Cartoonist in South Africa: Caricature, Complexity, and Comedy in a Climate of Contestation*, Thomas Koebler e Steven Robins defendem que a charge captura a raiva que muitos sentiram pela ideia de que Zuma foi tratado de maneira muito branda nesse caso e que ele mesmo destruiu sua reputação, não qualquer atitude que a corte tenha tomado com relação a ele.

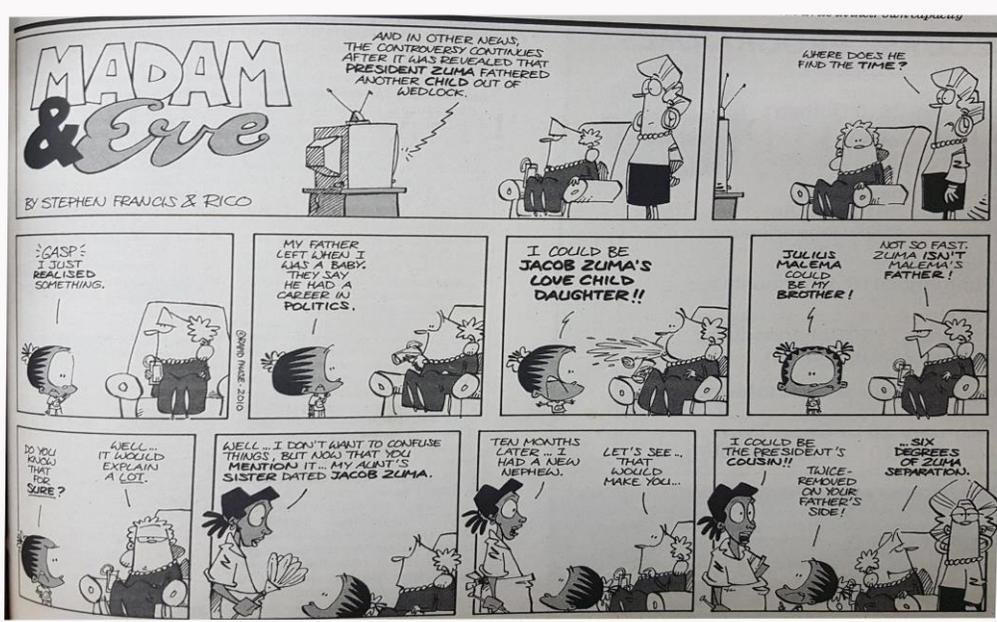
De acordo com a matéria "This South African cartoonist draws on 20 years of Zuma 'WTF' scandals", de autoria da jornalista Carol Hills e publicada no site Public Radio International (PRI), uma organização midiática global sem fins lucrativos, na charge que se seguiu a essa, Zapiro deixou de fora o chuveirinho que hoje caracteriza Zuma. A demanda dos leitores pela manutenção do apetrecho foi tanta, que ele acedeu e passou a retratá-lo sempre. A matéria traz falas do cartunista defendendo que o *showerhead* passou a fazer parte do léxico nacional.

"Quando houve protestos contra Zuma, o povo veio até o palácio do governo, a sede do governo, com capacetes de mineração e chuveiros colados a eles", ele diz. "O chuveiro virou um elemento do protesto"(HILLS, 2019)

O texto da jornalista traz ainda a informação de que Zapiro critica Zuma não apenas por sua abordagem escandalosa e corrupta da política, mas pela maneira como ele se porta em nível pessoal. Ele, aos seus 77 anos, já teve ao menos sete esposas (quatro no momento, sendo a mais nova com 24 anos) e cerca de 20 filhos.

³⁹Koebler, Thomas A., and Steven L. Robins. "Zapiro: The Work of a Political Cartoonist in South Africa: Caricature, Complexity, and Comedy in a Climate of Contestation." *PS: Political Science and Politics*, vol. 40, no. 2, 2007, pp. 315–318. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/20451952?seq=1>

2.2.1 Madam and Eve (5-11 Fev, 2010 - Vol 26, No. 5, p.24)



A tirinha de Francis & Rico, Madam and Eve, apresentou como conteúdo referência aos filhos de Zuma. Nesta edição, o tema esteve presente em diversas páginas, incluindo - na mesma seção de Comentários e Análises, uma tirinha de Zapiro sobre a mesma ideia.

Na tirinha, madame assiste TV com sua filha e ao ouvir a notícia de que Zuma teria tido mais um filho fora do casamento, Thandi -prima de Eve, que presta serviços domésticos à madame- comenta que poderia ser filha de Zuma.

Durante o diálogo, ela acrescenta que poderia ser irmã de Julius Malema⁴⁰, um apadrinhado político de Zuma. Ao ser corrigida por Madame de que Malema não é filho de Zuma, a criança questiona se ela tem certeza disso. O clima de dúvida paira sobre a tirinha por meio das afirmações de que isso explicaria muita coisa [da relação política entre os dois, que naquele momento parecia que Malema seria o herdeiro político de Zuma]. Seguem-se diálogos sobre prováveis parentescos que terminam com a afirmação "Seis degraus de separação Zuma"

⁴⁰ Julius Malema é importante para a compreensão da tirinha e já foi apresentado. Ver nota de rodapé 31.

2.2.2 Baby Shower - (5-11 Fev, 2010 - Vol 26, No. 5, p.23)



Na charge de Zapiro - *Twenty offspring and counting. Spin-doctors say he's engaged to his love-child's mom* - há um jogo de palavras: em inglês a expressão "baby shower" corresponde ao que no Brasil chamamos de "Chá de bebê". No entanto, shower seria aquele mesmo chuveirinho utilizado por Zapiro para identificar Zuma em seus desenhos. Zapiro costuma representar o ex-presidente com olhos separados, calombo na cabeça e o chuveirinho.

Vários bebês com chuveirinhos aparecem na tirinha, em uma ilustração que faz - notadamente- referência a filhos do político.

Faz-se oportuno trazer novamente a ideia, já destacada no capítulo 1, de que parte importante dos valores zulus se assenta na riqueza por meio de prole. Não se trata apenas

de uma idiossincrasia de Zuma. Um homem Zulu se mostra rico⁴¹ na sociedade com fartura. Uma prole vasta é sinal de riqueza, assim como cabeças de gado e a bravura. Isso torna mais complexa a análise da charge, uma vez que Zapiro critica claramente o fato de Zuma ter muitos filhos – não se trata de mera constatação. A crítica, porém, vai de encontro a um valor da cultura zulu (e de tantas outras culturas africanas, que igualmente têm as pessoas como um bem maior). Esse descompasso se revela como uma característica do contexto multicultural em que a charge é produzida e divulgada.

2.2.3 Zooma Family name Jetpack (1-7 Ago, 2014, vol 30, No 31, p.29)



Thuthikile Zuma, a mais nova das quatro filhas de Zuma (à época), foi promovida, aos 25 anos, a um posto que requer cerca de 10 anos de experiência. No quadro trazido por Zapiro,

⁴¹ GLÜCKMAN, Max. O Reino dos Zulu Na África do Sul in Sistemas Políticos Africanos. Universidad Autónoma Metropolitana. México. DF. 2010

é possível ver a filha voando com uma mochila à jato e o presidente colocando mochilas semelhantes nos outros filhos. Ele pede a eles "parem de empurrar! Todos terão sua chance".

A peça é apresentada com texto, que não necessariamente aparece em charges. Nessa, lê-se "Chegue diretamente ao topo do governo ou negócios! A mochila à jato Sobrenome Zooma"*Marca registrada. Para que trabalhar por décadas se você pode usar uma dessas?

Novamente, há uma crítica à quantidade de filhos, que se soma à crítica ao nepotismo e sua mistura entre o público e o privado.

2.2.4 Nkandla cash cow (19-5 Jun, 2015, vol 31, No. 25, p.23)



Em uma charge sem diálogos, Zapiro conseguiu sintetizar muito do que se estava discutindo na África do Sul sobre a Nkandla Homestead, em um episódio que também ficou conhecido por Nkandla-Gate (uma referência ao caso estadunidense de Watergate, em que dois

repórteres do jornal Washington Post divulgaram informações sobre corrupção que levaram à renúncia do presidente Richard Nixon).

Vale a pena destacar que a charge tratava de um assunto tão relevante, que apareceu no destaque das manchetes, na metade superior do jornal, o mais prestigiado espaço de qualquer periódico. Uma rápida olhada em periódicos é o suficiente para constatar que isso não é algo comum, o que reforça o status de nobreza em que a charge se encontra.

Um Zuma vestido com toda a típica indumentária Zulu pode ser visto ordenhando uma vaca, em cuja barriga, como se malhada fosse, percebe-se o mapa da África do Sul. Do úbere da vaca saem notas de rands, em lugar de leite. No luxuoso e bem guardado portão de entrada é possível ler "private", que denota o uso não público do espaço.

Estima-se que na reforma de Nkandla, uma propriedade de Zuma no interior da província de KwaZulu-Natal, o equivalente a cerca de 28 milhões de dólares foram gastos. O montante destinado para a reforma veio de fundos públicos. A justificativa para tal gasto foi de que o local que recebia o presidente precisaria de melhorias de segurança, que incluíram campo de futebol para seus guarda-costas e um depósito de água para combate a incêndios em forma de piscina.

2.2.5 Gargantua's Wedding (19-25 Set, 2014. Vol 30, No 38, p.37)

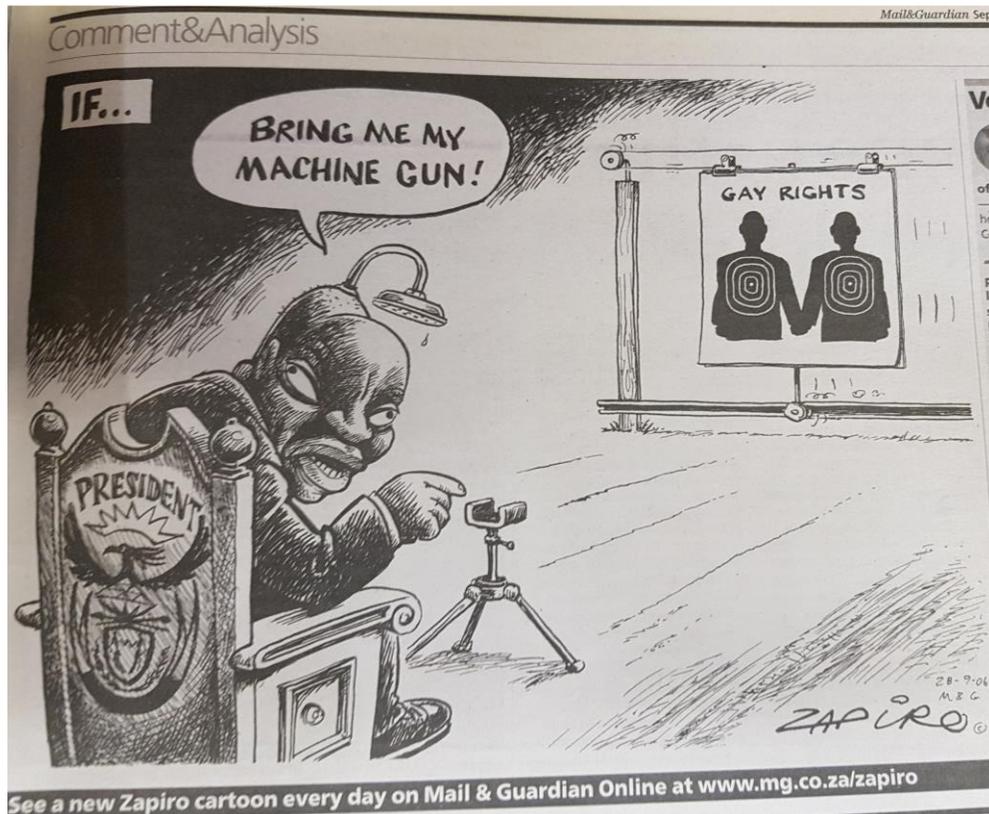


Khulubuse Zuma, sobrinho de Zuma, realizou seu casamento com Fikisiwe Dlamini em Nkandla. Cinco mil pessoas compareceram à cerimônia do casal. O lobolo pago pela família de Zuma à família da noiva pela união foi de 100 vacas. Para o banquete da celebração 16 vacas foram abatidas.

Na ilustração, que parte da obra Gargantua de Honore Daumier, Khulubuse aparece sentado em uma poltrona, trajado com indumentária Zulu. Sua boca está aberta e, até ela, chegam as vacas do lobolo, as do banquete e outras comidas, carregadas por mineradores da mina de Aurora. Khulubuse Zuma era diretor da companhia que realizava exploração no local. Em 2010 as operações foram encerradas e os trabalhadores do local ficaram sem receber.

Atrás da poltrona em que está sentado é possível ver sacolas recheadas de Rands, a moeda local. Novamente a família de Zuma está em destaque.

2.2.6 Gay Right's (29 Set-5Out, 2006. Vol 22, No 59, p.23)



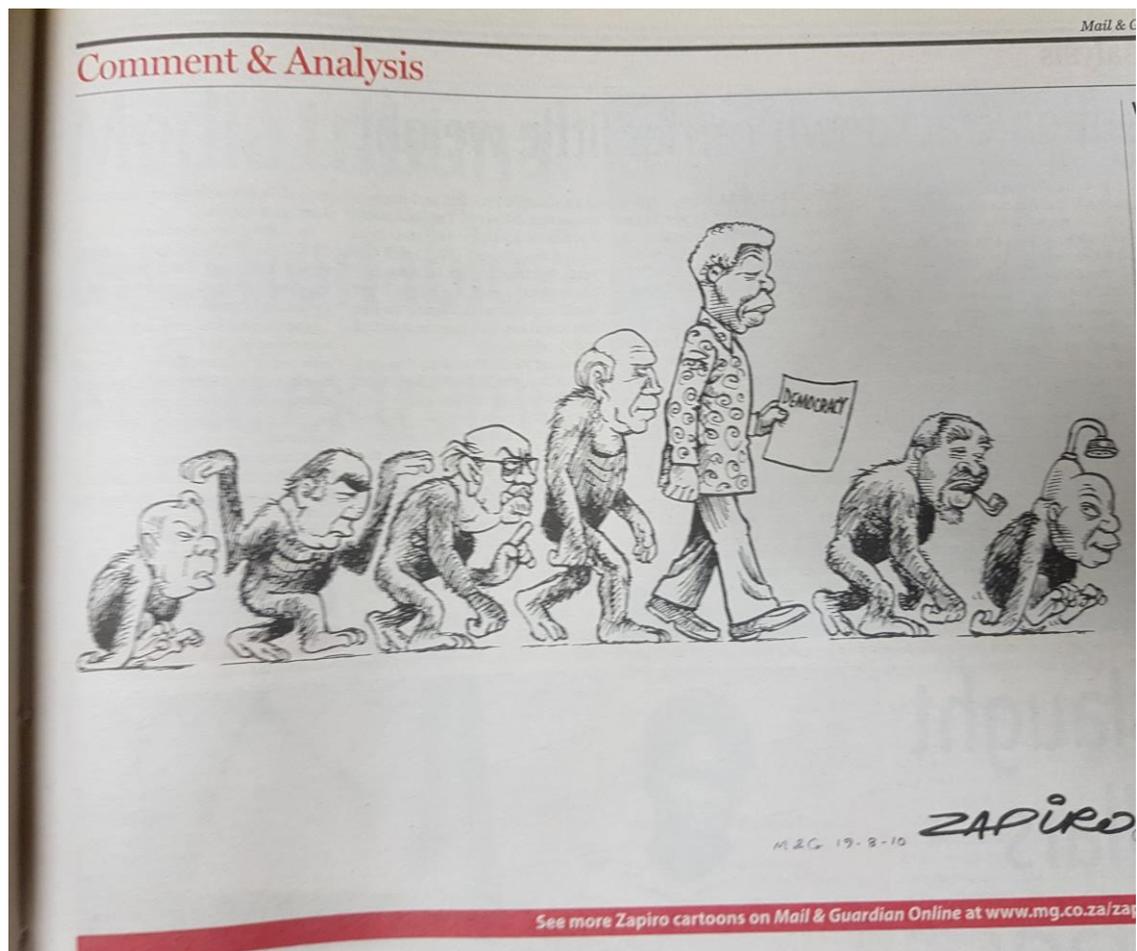
Na época em que a tirinha foi publicada, Zuma ainda não havia sido eleito. Nessa charge, Zapiro propõe um cenário possível no caso de Zuma vir a ocupar a cadeira de presidente de fato. Como na hipótese da Agenda Setting⁴², o cartunista está pautando a discussão, que se torna relevante no contexto das eleições seguintes. O julgamento sobre o estupro de Khwezi havia passado há pouco tempo e, novamente, o político já havia virado notícia por novas declarações polêmicas. Nessa edição, a charge aparece na página direita de um spread⁴³ da página de opinião, sendo que na página esquerda, há um editorial na seção de comentários e análises sobre o episódio. "Gay men could not stand in front of me" (homens gays não podem nem ficar na minha frente, em uma tradução livre), foi a frase dita por Zuma.

⁴² As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Para entender mais: WOLF, Mauro. Teorias das Comunicações de massa. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2005. P.143-146

⁴³ Spread é uma página dupla de uma publicação. Ao abrir-se um jornal ou revista, a dupla formada pela página da esquerda e da direita, é chamada de spread, em design gráfico

Escutei de B.M. 38, Homem Zulu, que não chegou a participar formalmente do processo de entrevista, que Zulus nunca seriam gays. "Isso é moda trazida de brancos. Um Zulu de verdade jamais seria gay". O tom da frase proferida por Zuma se assemelha muito ao que foi utilizado por B.M. Uma vez mais, percebo que o político está sendo retratado como um estereótipo. Some-se a isso ainda, a expressão de seu rosto ao pedir a metralhadora com que atacaria os direitos da população homossexual, e temos novamente uma redundância de estereótipos atribuído ao homem Zulu.

2.2.7 Evolution of Democracy (20-26 Ago, 2010. Vol26 No31)



Com a situação apresentada na peça, Zapiro contesta a força desnecessária das quais Zuma fez uso para lidar com movimentos grevistas e como ameaçou a liberdade de expressão.

Para o artista, segundo comentário em seu site pessoal "parece que a África do sul está se movendo na direção contrária, rumo aos dias sombrios do Apartheid."

O então presidente é representado como um macaco em uma "linha evolutiva" cujo ápice é Nelson Mandela e em apenas dois passos após atingir o topo, há a volta ao início da linha⁴⁴.

2.2.8 The Influence of the Religious right on the presidency (18-23 Set, 2009. Vol 25, No 37)



⁴⁴ Da esquerda para a direita: Hendrik Verwoerd (criador e principal implantador do Apartheid), BJ Vorster (político, jurista, ex-premiê e ex-presidente da África do Sul), PW Botha (ex-primeiro ministro e ex-presidente), FW de Klerk (último branco a ocupar o cargo de presidente na África do Sul), Nelson Mandela (advogado, líder rebelde, ex-presidente e ganhador do prêmio Nobel da Paz em 1993), Thabo Mbeki (segundo presidente negro do país, renunciou em 2008 por falta de apoio político) e Jacob Zuma.

Uma das características marcantes que considero interessante na referida peça gráfica é a altura do chuveirinho de Zuma. Normalmente, a peça é desenhada de forma a se projetar diretamente da cabeça do ex-presidente. Qualquer outra representação dessa característica acrescenta significado à situação. É possível observar o chuveirinho flutuando e com sinais indicativos de movimento, como se estivesse tremendo.

Escolhi essa charge como uma das que considerei relevantes porque, da forma como está apresentada, percebo que o autor acrescentou falta de sapiência - ou no melhor português: burrice - à fala do ex-mandatário. A extrema direita religiosa, que é identificada por Zuma como seus Conselheiros Constitucionais, aparece de maneira caricata dando seguimento a um ritual de fogueira e outras práticas ancestrais e não atualizadas para lidar com "faggots" (bichas), "abortionists" (abortistas), and similar vermin (vermes semelhantes). Pode ser traduzido como inseto, coisa insignificante). É interessante notar que os líderes religiosos são de vertentes concorrentes entre si.

Uma vez mais, percebo o apego à tradição, resistência à mudança, pensamento obtuso e a falta de abertura de Zuma no tocante às questões que estão na fogueira. Características que fui apreendendo como as que são percebidas sobre os homens Zulu.

2.2.9 Unfinished Business (15-21 Jan, 2010. Vol26, No2)



O desprezo de Zuma pela Justiça já havia sido apresentado diversas vezes pelo jornal. A charge em questão retoma uma outra (comentada anteriormente), publicada em 2008, em que Julius Malema, à época um apadrinhado político do ex-presidente, segura a justiça, juntamente com outras personalidades, para que ele a esturpe. Como vimos, Malema teria dito, na época, que mataria por Zuma.



Dois anos depois, é possível ver dois condenados, segurando a Justiça (o sistema judicial) enquanto Zuma pede licença e perdão uma vez mais para esturpá-la. A situação se justifica porque o ex-presidente concedeu perdão presidencial a Eugene DeKock - condenado por tortura e outros crimes durante o regime do apartheid - e Schabir Shaik - condenado por fraude e corrupção a quinze anos na prisão dos quais cumpriu apenas dois e quatro meses.

A charge de 2008 (que era, na verdade, a escolhida originalmente para ser mostrada aos entrevistados) ficou fora da seleção pelo excesso de reações na época em que foi publicada.

Uma vez que se resgatasse tão diretamente essa polêmica, cri que havia o risco de levar a conversa para outros temas.

Voltando à charge em tela, em que Schabir Shaik e Eugene deKock seguram a senhora justiça, a concessão do perdão presidencial foi amplamente criticada, uma vez que as razões pelas quais foram abertamente concedidas não se sustentavam. A charge é interessante para a análise por se tratar, uma vez mais, de acusação de conduta desviada e corrupta.

2.2.10 Dr. Jack - The Flux of the Nation (5-11 Fev, 2010. Vol 26, No5, p.21)



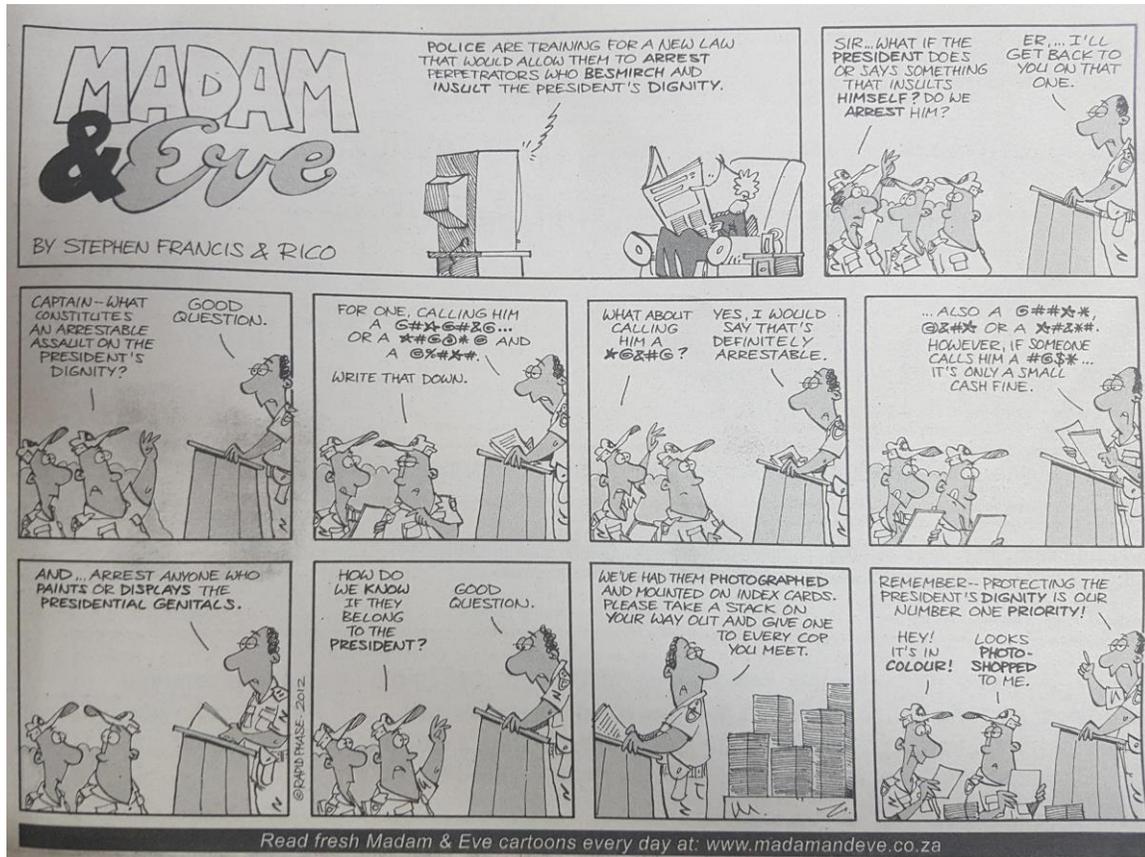
Aparecendo na mesma edição que a tirinha de Madam and Eve sobre os filhos perdidos de Zuma e da Charge *Baby Shower* de Zapiro, a ilustração satírica de Dr. Jack aparece em um texto de opinião escrito por Richard Calland. A presença da ilustração fala por si só e é possível ver que a crítica se dá à falta de domínio de Zuma sobre diversos assuntos, além

da mudança de opiniões e a falta de clareza e embasamento que acomete o político. Essa charge foi aqui apresentada no meio do texto por ser importante demonstrar como ela estava posicionada no layout da página, uma vez que é complementada por um artigo de opinião. O mesmo não ocorre nos trabalhos abordados de Zapiro e Stephen Francis & Rico, que além de criadas em um contexto - como é o caso em tela - são fechadas em si, quando considerada a complementariedade.

O contexto para essa sátira é o discurso inaugural que se espera que o presidente faça e os disparates que foram ditos por Zuma. Quando Zapiro trata do mesmo assunto, o chuveiro, que é indicativo das coisas sem sentido que o ex-presidente fala, fica gigantesco, maior que todo o público que o ouve, indicando verborragia.

Durante conversas com pessoas com quem eu ia interagindo, novamente a verborragia apareceu associada aos Zulu. Como homens que não ouvem, apenas falam. E falam sem saber. Note-se que essas características são atribuídas aos homens Zulu, não se estendendo às mulheres. Mulheres não apareceram muito durante as conversas. Quando houve a chance de fazer tal questionamento, as respostas foram unânimes em dizer que a mulher não tem muito espaço na cultura Zulu.

2.2.11 Madam and Eve - Banimento de Insultos ao presidente (16-22 Nov, 2012. Vol 18, No 46, p.37)



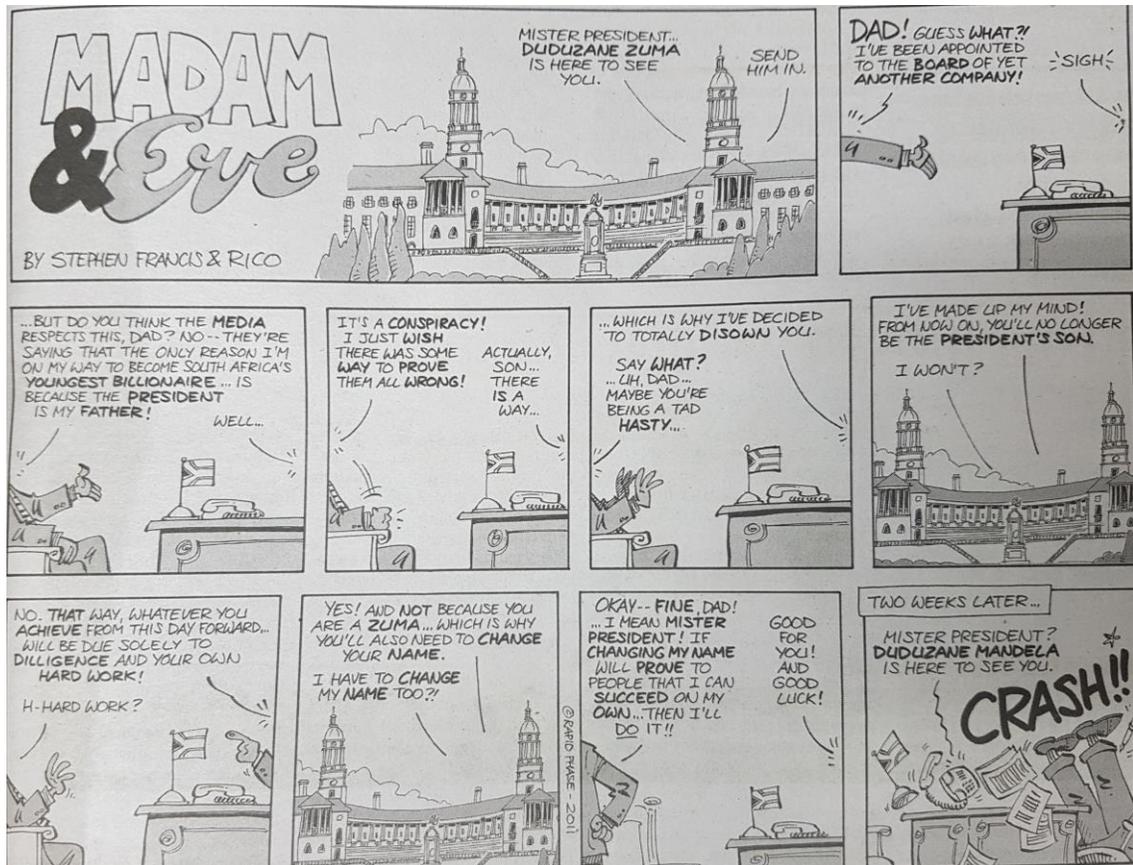
Como já salientado anteriormente, uma charge ou tirinha, ou de maneira mais ampla, uma peça de opinião visual gráfica necessita situar-se no tempo e estar inserida em um contexto para fazer sentido. No cenário ilustrado por Stephen Francis & Rico, militares são instruídos a não deixar que o presidente seja ridicularizado ou diminuído por críticas. Os atentados à dignidade do presidente devem ser combatidos inclusive no que tange a xingamentos ou ainda que ilustre ou mostre a genitália de Zuma.

Quando a tirinha é publicada, a obra "The Spear", do artista plástico Brett Murray, como já dito anteriormente, havia sido vandalizada e sido alvo de comentários da ANC. Na pintura, Zuma aparece com seus genitais expostos em uma pose que lembra Lênin. A repercussão da Obra deu origem a outras tirinhas em sequência que faziam referência ao mesmo assunto, inclusive uma em que Bill Clinton e JZ conversam por telefone - lembrando que Bill Clinton

passou, em sua administração como líder político dos Estados Unidos, por denúncias de abuso sexual.

Quando os militares estão recebendo o briefing sobre como combater as ofensas à dignidade de Zuma, eles recebem também fotos de como seriam os genitais do político para que possam comparar com as possíveis ilustrações a serem censuradas. Isso chama a atenção por dois pontos: primeiramente a teimosia de um homem Zulu, como pontuado pelos entrevistados, em aceitar outros pontos de vista que não o seu; em segundo lugar, a expressão da masculinidade de forma que apele para a virilidade materializada na impressão dos cartões com os genitais. A afirmação da masculinidade e seu prestígio estão ligados à capacidade reprodutiva entre os Zulu. Os autores da peça chamam a atenção para esses aspectos do ex-presidente, elencando, em uma mesma sequência, duas facetas comumente atribuídas aos Zulu.

2.2.12 Madam and Eve – Duduzane Mandela (4-10 Março, 2011. Vol. 27, No. 9)



Quando a tirinha foi publicada, Duzane Zuma, filho do presidente, havia dado uma declaração na semana anterior em que defendia não se beneficiar de seu nome. Duduzane afirmou que a percepção de que ele se beneficiaria de maneira imprópria em negócios como consequência das conexões de sua família são incorretas e que ele dispensa muitos negócios e tenta não se distrair com ofertas que possam ser motivadas por política. À época com 28 anos, ele acrescentou ainda que lutou por tudo o que possui e não se beneficia de seu nome.

Na tirinha, Duduzane vai visitar Zuma no Union Building, sede do governo Sul africano, e conta para seu pai que foi nomeado presidente de mais uma empresa. Ao dar a notícia, ele diz que a mídia desmerece seu crédito pelo sucesso e lamenta que não haja uma forma de provar que o sucesso é consequência de seu esforço, não do nome que carrega. Quando ele expressa esse lamento, seu pai, Jacob Zuma, diz que para facilitar esse reconhecimento irá renegá-lo e assim ele não será mais o filho do presidente. Além disso, o presidente explica que Duduzane terá que mudar seu nome. Contrariado, o filho aceita e diz que irá provar que consegue ser bem-sucedido por conta e nome próprios. Duas semanas depois, Duduzane volta para visitar o presidente e agora seu novo nome é Duduzane Mandela.

Apesar de não retratar a situação de fato, a charge de Stephen Francis e Rico parte da notícia da vida empresarial de sucesso de um dos herdeiros de Zuma. O desfecho reforça a opinião de que não são somente o esforço e o talento as razões de sucesso de Duduzane. O favorecimento e proteção dos filhos é uma característica comumente atribuída aos Zulus e no caso da tira em tela pode remeter também à corrupção. O foco da peça passa por esse estereótipo, mas nele não se fixa uma vez que o fato (real) é o sucesso de Duduzane em decorrência de seu nome, não o tratamento a ele dispensado pelo pai em não reconhecê-lo mais como filho (fictício).

2.2.13 Can anybody see my sword? (3-9 Abril, 2009. Vol. 25, No. 13)



Essa peça teve destaque especial na edição em do periódico Mail & Guardian em que foi publicada. Ela foi chamada também na capa, que é local nobre de uma publicação e raramente reservada para peças gráficas de opinião em um jornal.

Na época da publicação, Zuma ainda não havia sido eleito presidente do país. No entanto, era presidente da ANC desde 2007, o que o tornava favorito para o cargo. As eleições – por ele vencidas – e o juramento de posse do cargo aconteceram em maio de 2009, um mês após a peça ter aparecido com destaque no semanário.

As interações de Zuma com a justiça foram retratadas repetidas vezes em charges e quadrinhos. A Justiça aparece submissa ao ex-presidente e mesmo com a carga de moralmente corrupto que as peças carregam, ele tem posição de vitória e dominação sobre o devido processo legal e seu resultado.

Nessa charge a Justiça aparece com uma faixa que a identifica como um justiça igualitária. Essa identificação é útil para nos ajudar a apontar o alvo da crítica do chargista. Na primeira charge sobre o estupro da Justiça, ela está identificada como o sistema de justiça. Dessa vez, o alvo é a justiça igual para todos e seu significado ou destino, controlados por Zuma.

Quando associada ao símbolo da justiça, a espada simboliza a decisão, a separação entre o bem e o mal. Ela é aplicada contra a injustiça, a maleficência e a ignorância. Isso pode ser dito quando a Justiça traz sua espada consigo. Na imagem, a Justiça, que é cega para que seja imparcial, busca sua espada e deixa de prestar atenção em sua balança, que está indo em direção ao chão, sem uso. (BECKER, 1999)

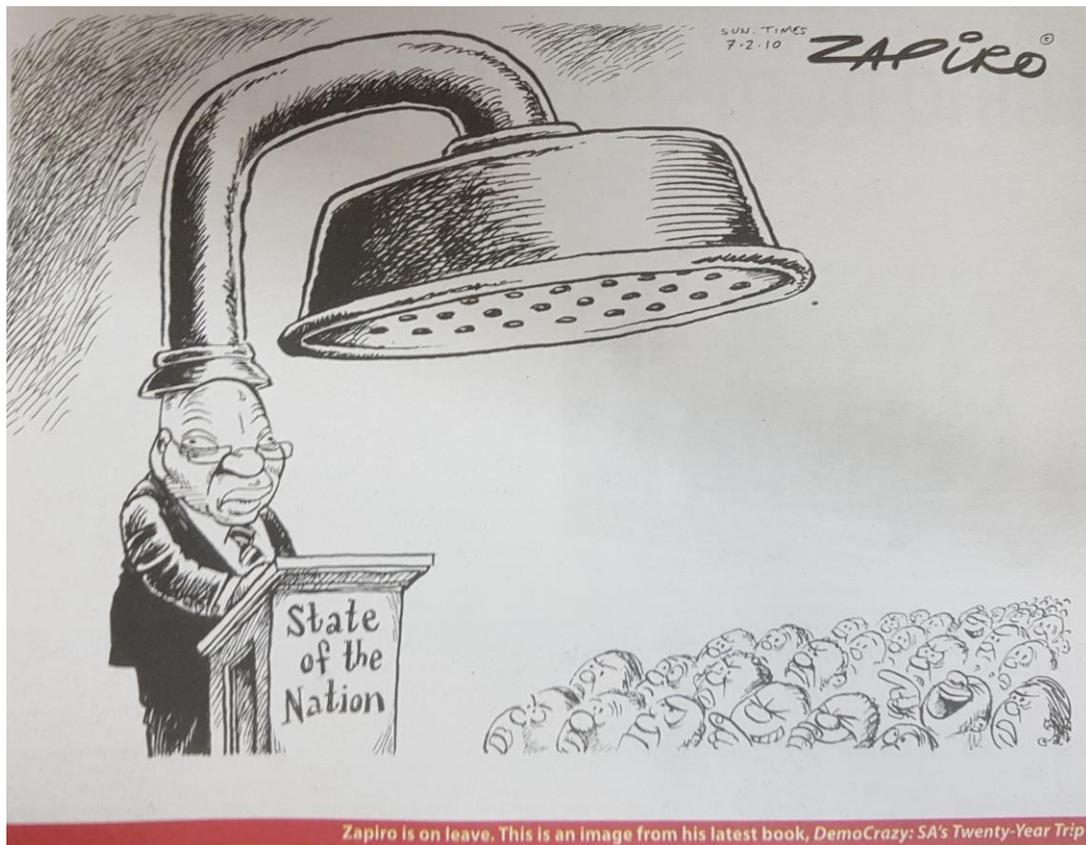
A balança é o instrumento pelo qual ela pesa sua decisão, sem favorecimentos, uma vez que é cega. Assim, ela está incapacitada de agir como deve ser, de maneira igual para todos. Enquanto ela tenta encontrar a espada com que poderia executar a decisão que seria tomada pela balança, caso estivesse em condições de uso, Zuma está em posição de domínio, segurando o instrumento de execução da Justiça. No entanto, ele não tem como utilizá-lo para o fim reservado à justiça. Primeiramente porque a espada somente tem esse uso quando associada à imagem da Justiça. Em segundo lugar, porque ele prepara-se para golpeá-la, dando cabo da imagem da justiça igual para todos. Dessa forma, ele coloca-se acima da lei e do devido processo legal.

Essa interpretação é reforçada pelo contexto da trajetória política de Zuma. Não apenas ele enfrentou diversas acusações de corrupção (foram 16 entre corrupção, extorsão, fraude e lavagem de dinheiro até sua saída da presidência em 2016), mas saiu vitorioso mantendo-se como proeminente figura política na época da publicação da peça de Zapiro.

Na imagem, ele aparece com os olhos bem focados na situação em que a figura da Justiça se encontra e aparece pronto para golpeá-la. Ao golpeá-la ele irá dar cabo da justiça igualitária para todos, colocando-se acima dela, não estando à sua mercê e demonstrando que está acima do conceito, saindo ileso da ideia de julgamento, uma vez que ele de fato não acontece (a balança não tem como ser usada enquanto a Justiça tenta achar seus

instrumentos de ação, logo não será um julgamento como deveria ser para qualquer pessoa) e não tem como ser executado em seu resultado (a Justiça não dispõe do instrumento que usa para tal, a espada).

2.2.14 State of the Nation (13-19 Junho, 2014. Vol.30, No. 24, pág. 27)



Essa charge de Zapiro foi publicada quando o cartunista estava de férias. Originalmente de 2010, a peça gráfica fala do *State of the Nation*, um discurso em que o presidente do país se dirige aos nacionais do ponto de vista administrativo do governo. Na semana de publicação da sátira, Zuma fez o “primeiro discurso da quinta administração democrática” do país (palavras do pronunciamento).

Zuma começou relembrando o falecimento do secretário do Parlamento e da mãe do ex-presidente Thabo Mbeki, que o sucedeu. Em seguida, discorreu sobre o sucesso das eleições do mês anterior, em que o ANC saiu vitoriosa em oito das nove províncias do país. No

entanto, apesar de vitoriosa, o ANC teve menos votos, o que representou uma queda de 3,75%.

Zuma também falou sobre como a vida de milhões de sul africanos foi melhorada e que o país é um local melhor para viver desde 1994, relatando que o Plano de Desenvolvimento Nacional e o a Revisão de Vinte Anos da Presidência demonstraram que o desafio para vencer a pobreza, a desigualdade e o desemprego ainda existia.

Esse discurso foi proferido em junho. De dezembro do ano anterior à março do ano em que proferiu esse discurso, Zuma foi bombardeado diariamente pela imprensa e opinião da sociedade em decorrência da reforma de sua casa em Nkandla, paga com recursos públicos. O local em que a residência se encontra é uma zona rural, com pessoas sem energia e saneamento vivendo por perto.

Na imagem, o chuveiro que passou a caracterizar Zuma tem um tamanho desproporcional ao usualmente retratado. O chuveiro é a referência à ignorância de Zuma ao falar sobre a prevenção do HIV por meio de um banho após o sexo sem preservativo com uma pessoa notadamente portadora do vírus. Ao aumentar o chuveiro, aumenta-se o peso negativo da ignorância sobre as palavras proferidas pelo presidente. Dentre o público, é possível perceber expressões raivosas, jocosas, de tristeza e de estarrecimento. Com essa representação, o jornal, ao publicar essa obra do cartunista, trouxe à tona a reação da população à ignorância do presidente.

CAPÍTULO 3 - ENTREVISTAS

Nem todas as minhas incursões no campo de entrevistas foram frutíferas. Neste trabalho, trago os relatos somente das que considere bem-sucedidas, mas pontualmente trago algo interessante das que não se enquadram nessa categoria.

Dentre o universo entrevistado, houve reações faciais e expressão oral intensa por mais de 80% dos respondentes da entrevista. Testas franzidas, alteração no tom de voz, intensificação em gestos com as mãos e fala mais rápida, são apenas alguns exemplos. Essas reações se observaram tanto entre os respondentes que concordam com a representação Zulu na figura de Zuma, quanto pelos que não concordam. Cerca de 72% dos entrevistados dizem ter enxergado claramente as referências à cultura Zulu por meio de Zuma na quase totalidade das charges. Os principais aspectos apontados nas charges pelos entrevistados foram burrice, machismo, orgulho e apego à tradição. No caso do apego à tradição, muitas vezes foi vista como por não Zulus, inclusos tanto africanos quanto negros de outras etnias. Esses aspectos são o valor do excesso de filhos, esposas e apego à vacas. Para os Zulus, não foi considerado algo ultrapassado, sendo visto somente como parte da cultura. Essa parcela dos entrevistados reagiu como se fosse óbvio que a ignorância de Zuma fosse retratada como tal, por ter origem Zulu e assim ele devesse ser retratado como tal nas charges.

Como exemplo da parcela que acredita que Zulus são assim e é natural que sejam retratados dessa maneira, trago as falas de D.M. mulher Zulu e T.R. homem Xitsonga. D.M. pensa que "nossos homens são teimosos e prezam muito pelo respeito [aqui ela faz uma observação de que respeito é um conceito enviesado, aproximando-se de obediência]. Zuma é Zulu, e também pensa assim"

T.R. apontou que o apego tão forte à tradição, para ele, é algo que não faz sentido nos dias de hoje. "Hoje eles ainda têm apego às vacas, mesmo na cidade!" Ele ainda faz uma colocação sobre violência sexual como as presentes na charges. "Zulu é uma cultura de estupro.", diz.

Já a parcela que não enxergou o uso da cultura Zulu para retratar Zuma fez críticas principalmente à representação de Zapiro, considerada nas questões relacionadas ao estupro como desrespeitosa e injusta. T.M.M. Mulher South Sotho acredita que, por não se relacionarem com a cultura, mas com a política, os cartuns foram depreciativos para a cultura. "Isso é da cultura deles, tem que ser tratado entre eles. É muito feio colocar isso para todo mundo assim. Também não faz sentido representar um homem que vive na cidade com roupas de tribo", coloca. A segunda afirmação dela se relaciona com a também levantada questão de Zuma ser hoje um morador da cidade, que não seria mais tão relacionável com a indumentária e valores retratados, uma vez que na zona urbana está sempre trajado de terno e gravata, não se utilizando de vestes típicas Zulu.

Ao longo das entrevistas foi possível observar alguns aspectos serem reforçados por pessoas de línguas maternas diferentes, mas que convergiam para descrições semelhantes. Para efeitos didáticos, este trabalho tratará dos temas mais relevantes de forma agrupada.

As categorias corrupção; aspectos de personalidade; e semiótica do ponto de vista dos entrevistados, buscam organizar e tornar mais clara a compreensão dos temas que mais foram abordados durante as entrevistas.

Sob o guarda-chuva da categoria corrupção estão contemplados o nepotismo, favorecimento de família e a própria corrupção. Já nos aspectos de personalidade, encontramos machismo, burrice, orgulho, falar sem pensar e o excesso de apego à tradição e seus significados (incluindo filhos, esposas e a importância do gado). Por último, é possível ver a semiótica do ponto de vista dos entrevistados, incluindo algumas descrições de como foi a reação às charges.

Na parcela de entrevistados que dizem ter enxergado claramente as referências à cultura Zulu por meio de Zuma na quase totalidade das charges, quatro são mulheres e quatro são homens. O restante consiste em dois homens e uma mulher, que não perceberam pelas imagens a representação da cultura Zulu. Os principais aspectos identificados são citados

no parágrafo anterior redundam com o apego à tradição em aspectos vistos como ultrapassados por aqueles não Zulus (como excesso de filhos, esposas e apego ao gado). A porcentagem dos entrevistados que percebe críticas à cultura, reagiu como se fosse óbvio que a ignorância de Zuma fosse retratada como tal, dada a sua origem Zulu.

A principal crítica feita pela parcela que não enxergou o uso da cultura Zulu para retratar Zuma fez críticas principalmente à representação feita por Zapiro, considerada como desrespeitosa e injusta, entrando em questões que não se relacionam com o contexto, como os trajes que o presidente não veste cotidianamente.

3.1 Corrupção

Presente nas imagens, os aspectos de corrupção foram apontados por todos os que viram correlação entre a representação da cultura e da pessoa. "A corrupção é marca deles, não é surpresa o que acontece com Zuma. Se eu pudesse, muito provavelmente também favoreceria um filho, mas não dessa forma. É muita cara de pau", diz K.S., mulher Xitsonga. Dona de uma das expressões faciais e reações mais intensas entre as pessoas entrevistadas, a jovem debruçou-se principalmente sobre os quadrinhos de Madam and Eve. "Nosso professor de inglês utilizava muito durante as aulas e me lembro inclusive dessa daqui", disse apontando para a tirinha do item 2.2.1.

Na opinião de K.S., a corrupção está enraizada na sociedade sul-africana e isso decorre em grande parte por Zulus conduzirem o poder e estarem à frente dos principais cargos. Essa percepção é compartilhada também por T.R. homem Xitsonga, T.M. mulher Venda, T.S. homem Sesotho e N.T, mulher Zulu.

Foi dado aos entrevistados a opção de olhar as peças gráficas primeiro antes de começar a conversa, mas quase a totalidade (10 das 11 pessoas) já apontava algum aspecto ou ponto durante a observação, principalmente sobre a quantidade de filhos e "como seria possível favorecer tantos?"(N.M. homem Xhosa). Somente uma pessoa (M.M.M., homem Venda) preferiu ler todas antes de dizer algo.

Nas tirinhas 2.2.4 (Nkandla's cash cow) e 2.2.5 (Gargantula's wedding), M.M.M., homem Venda, identificou vários elementos que, de acordo com sua percepção, tratam exclusivamente da representação de um político, sem passar pela questão da identidade étnica⁴⁵ do político. A tirinha 2.2.4, em sua percepção, trata de mais um escândalo de corrupção e a 2.2.5 de mais um caso de nepotismo e favorecimento familiar, sem que as indumentárias ou elementos tradicionais da cultura Zulu indiquem ou demonstrem a representação da etnia. A tirinha 2.2.3 (Zooma Family Name Jetpack), representa para ele claramente o nepotismo, mas a quantidade de filhos à espera para ter sua vez de ter o nome projetado não é relevante, uma vez que o político faz algo que poderia ser considerado normal: querer favorecer a própria prole, sendo que ele de fato tem muitos filhos.

As tirinhas 2.2.3, 2.2.4 e 2.2.5 foram as mais comentadas por meio de referências às questões de nepotismo (2.2.3), corrupção (2.2.4) e corrupção e nepotismo (2.2.5). L.N (Homem Pedi) considera que a corrupção está claramente demonstrada nas peças 2.2.4 e 2.2.5 e que a situação é comum entre Zulus. Ele faz, no entanto, a ressalva de que isso é algo que permeia a sociedade sul-africana, ainda que seja mais esperado de um Zulu. Para N.T. (mulher Zulu) não há dúvidas da ligação entre corrupção e Zulus e isso está corretamente apresentado. Para ela, a questão do status fala muito alto, mais ainda do que aspectos éticos. D.M. (mulher Zulu) concorda e acrescenta que "Um homem Zulu faria qualquer coisa por seus filhos, não necessariamente esposas, apenas aquilo que seja visível para que ele pareça uma pessoa muito generosa". Vemos aqui a generosidade como um valor Zulu não abordado nas críticas dos cartunistas, o que mais uma vez evidencia os desencontros desse contexto multicultural.

No cartum de Madam and Eve, o item 2.2.12, também foi apontado o nepotismo, mas de forma menos unânime. Oito dos onze entrevistados confirmaram ver uma representação desse vício moral e, uma vez mais, grande parte apontou que isso seria esperado de um

⁴⁵ No cotidiano na África do Sul, usa-se preferencialmente o termo “língua materna”, em lugar de etnia ou tribo. Isso se deriva da ideia de *Rainbow Nation* (alcunha da África do Sul, referenciadamente um país onde se aprecia e respeita as diversidades) e do reconhecimento das línguas locais, que representam os diferentes grupos de pessoas.

homem Zulu. Ressalte-se, novamente, que os entrevistados fazem referência à "cultura Zulu" e ao "homem Zulu", deixando no escuro o papel e a relevância das mulheres.

Outra sátira digna de nota neste item sobre corrupção é o estupro do sistema de justiça, na charge 2.2.9, *Unfinished Business*. M.M.M, homem Venda, diz que lembra de quando a peça de Zapiro foi publicada e do exagero retratado pelo autor. "Ele fala de política e corrupção, mas creio que pesou a mão. Não há necessidade de apelar para algo tão gráfico e baixo", diz. T.M.M. Mulher South Sotho, também não considera adequada a representação uma vez que é possível "mostrar a deterioração do sistema político e moral de outras maneiras. Foram muito ofensivos e injustos com ele", diz. Ela não percebe representação Zulu pelos autores, somente críticas ao estilo de vida de um político popular e que naturalmente acaba fazendo muitos inimigos. M.W.S, homem africâner, concorda que Zapiro errou a mão e não considera que o cartunista tenha feito piada com Zulus, apenas com Zuma. Ele enfatiza, para essa justificativa, a diferença entre experiências e estereótipo. A primeira é muito subjetiva e a segunda, difundida com exageros. Logo, defende que dessa maneira não haveria como medir essa representação do homem Zulu.

No entanto, para aqueles que viram representações do homem Zulu na imagem do item 2.2.9 de autoria de Zapiro, a associação é clara por haver na África do sul uma "cultura do estupro. Vejo mulheres machucadas, isso é quase institucionalizado", diz K.S. mulher Xitsonga. A metáfora utilizada remete-se diretamente ao episódio de estupro de Khwezi (na opinião unânime de quem vê a representação do homem Zulu) para tornar gráfica a corrupção do líder político em outra situação que deturpa a moral e faz refletir sobre um conceito ético enviesado. A ganância e a lealdade de homens Zulu a seus aliados também foram apontadas como justificativa para o ato de corrupção. Novamente, vemos uma tensão na relação entre vícios (corrupção) e valores (lealdade), o que contrasta com a perspectiva unilateral da própria charge. Duas das pessoas entrevistadas (T.M. mulher Venda, e D.M. mulher Zulu) apontaram a necessidade de poder dos homens Zulu como algo que levaria, invariavelmente, à corrupção, sendo ou não um político e consideraram coerente o que foi representado por Zapiro. A charge do item 2.2.13 também relacionada àquela do item 2.2.9,

principalmente por, mais uma vez, retratar a já muito atacada personagem da justiça e o político.

Vale a pena ressaltar que o essencial ao tópico corrupção e ao seguinte está nas percepções pessoais, evitando, na medida do possível, adentrar o aspecto da análise semiótica que os entrevistados fizeram - mesmo que sem saber na quase totalidade dos casos. Aqui são apontados itens que justifiquem a opinião da pessoa com base naquilo que ela considera que seria associável ou estaria associado a uma pessoa da cultura Zulu, sem necessariamente apontar elementos gráficos que possam justificar tal pensamento. Esse outro tipo de análise será tema de um tópico específico um pouco mais à frente.

3.2 Aspectos de personalidade

O orgulho, teimosia, apego demasiado à cultura tradicional, o machismo, o excesso de filhos e a burrice foram as características mais apontadas para homens Zulus. Nesse ponto, é possível ressaltar nas peças satíricas a opinião daqueles que concordam com as afirmações, uma vez que, como para os outros entrevistados não havia representação, eles não entraram nessa seara, justificando suas opiniões somente no tocante ao comportamento político, que consideram ser o representado pelos autores.

Neste tópico há uma representação bem diversificada dos autores das sátiras, já que temos os trabalhos de Stephen Francis & Rico, Dr. Jack e Zapiro.

O excesso de filhos foi apontado enfaticamente nas peças dos itens 2.2.1 (Six Degrees of Zuma Separation), 2.2.2 (Baby Shower) e 2.1.3 (The Zooma family Name Jetpack) e de maneira mais discreta no 2.2.12. Todas as pessoas que consideraram que houve representação do todo (cultura Zulu) pelo indivíduo (Jacob Zuma) mencionaram que havia forte conexão entre o homem Zulu e sua descendência.

Os mais jovens (ainda na casa dos 20: N.T. mulher Venda; L.N. homem Pedi; K.S., mulher Xitsonga; T.R. homem Xitsonga e T.S, homem Sesotho) comentaram com mais ênfase a

tirinha Madam and Eve (Item 2.2.1 - Six Degrees of Zuma Separation). T.R., homem Xitsonga diz que algumas peças retratam apenas Zuma, outras os Zulus, mas concorda que a intenção dos autores é retratar um homem como obviamente sendo Zulu. T.R. considera que tradicionalmente hoje os Zulus com quem convive não tem duas mulheres, mas não necessariamente essa é a realidade. Quanto mais mulheres, maiores as chances de se ter mais filhos. Para ele, é preciso observar a diferença geracional de Zuma para o que é praticado hoje pelos jovens Zulu.

"Não tem tanto essa coisa das inúmeras esposas hoje, não é sustentável. Se um homem tem tantas esposas e tantos filhos, como irá sustentá-los? Não vejo mais isso acontecendo tanto, mas percebo a ideia ainda. Como se fosse uma... meta? Sonho? Se pudessem manter todos teriam mais esposas. Mais filhos. E mais vacas", relata T.R. Para justificar nas peças seu comentário, ele aponta para as sátiras dos itens 2.2.2 (Baby Shower), 2.2.3 (Zooma Family Name Jetpack) e 2.2.4 (Nkandla cash cow).

L.N., homem Pedi, é casado com uma mulher Zulu. "Ela diz que uma das vantagens de eu não ser Zulu é justamente não ter tantas esposas como eles costumam ter. Quem tem muitas esposas, tem muitos filhos. Não é surpresa o Zuma ser como ele é. Ele é Zulu", opina. Com essa opinião, ele aponta para as peças dos itens 2.2.1 (6 Degrees of Zuma Separation), 2.2.2 (Baby Shower) e 2.2.3 (Zooma Family Name Jetpack).

K.S., mulher Xitsonga e N.T., mulher Zulu, consideram ser muito provável que seja verdadeira uma situação como a apontada no item 2.2.1 (6 Degrees of Zuma Separation). K.S. lembra da discussão que teve em sala de aula sobre o quadrinho com os colegas, que ironizavam uns aos outros sobre a possibilidade trazida pela tirinha. N.T. relata que homens Zulu gostam de fazer filhos dentro ou fora do casamento, porque é sinal de status e poder.

O apego demasiado à cultura tradicional foi apontado nas situações trazidas pelos itens 2.2.4 (Nkandla cash cow), 2.2.8 (Religious right). T.R. conta um dos motivos para sua opinião:

"trabalhei com um rapaz Zulu que dizia 'vou usar o dinheiro que ganhar nesse emprego para comprar vacas'. Ele mora na cidade, mas mesmo assim pensava em ter a vaca, o animal mesmo. Pra que serve isso aqui? Sei que ele comprou uma, mas depois disso, não faço ideia. Espero que não. É algo muito burro."

N.M, homem Xhosa, diz que já trabalhou com muitos Zulus na vida e eles são muito apegados à tradição e valores da cultura que hoje já não fazem mais tanto sentido. Ao falar isso, ele tem a peça trazida no item 2.2.8 (Religious right) à mão. "Eles têm tipo uma religião própria, umas questões próprias. Por isso Zuma precisa ter várias opiniões por perto. Mas ele consulta outros líderes religiosos também. Não sei o porquê, mas consulta."

D.M., mulher Zulu, acrescenta que à tradição torna os homens mais homens, em sua cultura. Ela opina que isso traz status e o homem Zulu vive para status: isso faz dele "mais homem", mais digno, mais respeitado. E isso é importante. "Só que muito do que falam é bem diferente do que fazem. O importante é manter as aparências", conta. "Um homem Zulu que fosse gay, por exemplo, seria marginalizado, perderia o respeito. Não se pode ser Zulu e gay. Ou um ou outro", comenta apontando a charge do item 2.2.6 (Gay Rights).

Ela segue complementando a falta de coerência em falas de homens Zulu, como atribuído à Zuma na ilustração de Dr. Jack no item 2.2.10; na charge 2.2.14 de Zapiro (State of the nation) e com menos ênfase, só olhando e fazendo menção aos itens 2.2.12 (Duduzane Mandela) e 2.2.11 (Briefing). Para ela, homens Zulu falam uma coisa e depois outra. Falam que irão fazer algo, e fazem o contrário. "Além de serem muito orgulhosos, não pensam antes de falar. Depois se entortam todos. Por isso têm fama de burros para alguns", lembra.

"Jamais me casaria com um Zulu", declara K.S., Mulher Xitsonga. Para ela, homens Zulu são obtusos e machistas, não conseguindo pensar direito sobre nada e não dando espaço para suas mulheres. Ela ainda volta a citar a peça 2.2.1 (Six Degrees of Zuma Separation) antes de se deter nas dos itens 2.2.10 (Flux of the Nation), 2.2.12 (Duduzane Mandela) e 2.2.14 (State of the Nation). Para ela, está óbvio que nas representações trazidas pelos números 2.2.10 e 2.2.14, que Zuma, assim como os outros homens Zulu, não tem coerência

e não sabe do que fala. "E não adianta falar. Eles são teimosos, nunca vão mudar de ideia". Já as dos itens 2.2.1 e 2.2.12 mostram mais uma vez as voltas que os homens dão em direções opostas "como se não conseguissem pensar em nada além de fazer filhos e ter mulheres."

A sátira do item 2.2.11 foi vista de maneiras diferentes: os entrevistados apontaram tanto orgulho (de ser o melhor, o reprodutor), quanto incoerência (não querer que representem seus genitais e distribuindo fotos (para comparação)).

Já no quesito burrice, foi apontada de forma unânime a charge do item 2.2.7 (Evolution of democracy). Zuma seria a decadência das ideias e ideais sul-africanos e não teria capacidade para entender mudanças (que talvez poderia ter sido uma referência ao apego demasiado à tradição) ou fazer algo que dependa de inteligência.

É preciso notar que a discussão sobre “apego demasiado à tradição” tem um caráter enviesado, uma vez que o público entrevistado era, em sua maioria, jovem, universitário, vivendo no meio urbano. O apego à tradição vai se revelando como uma característica ambivalente, podendo ser um vício ou uma virtude a depender do contexto.

3.3 A semiótica como processo de análise das charges na percepção dos entrevistados

Ao propor as entrevistas, o objetivo não era solicitar ao interlocutor que realizasse uma análise semiótica das peças gráficas. No entanto, ao justificar suas opiniões, muitos juntaram o contexto de publicação e seus conhecimentos (próprios ou coletivos e culturais) a itens presentes nas sátiras.

O chuveirinho de Zuma foi citado por todos, tanto os que consideram que a representação das peças é da postura masculina na cultura Zulu, quanto dos que discordam da afirmação. A função do chuveirinho, além de identificar Zuma, é lembrar que não se pode confiar no que ele fala: pode ser mentira, engano, confusão, incoerência ou mesmo burrice. Outra

característica típica do ex-presidente é a espécie de calombo na cabeça, que serve para representar o ex-presidente mesmo em caso da ausência de seu apetrecho.

O item 2.2.2 (Baby Shower) foi comentado como sendo uma piada muito inteligente. Alguns entrevistados relataram que a charge foi pensada depois da notícia de que Zuma poderia ter mais um filho ilegítimo (contexto). Dessa forma o trocadilho com os inúmeros bebês com chuveirinhos, "mini-Zumas" e o chá de bebê foram utilizados para chegar à interpretação de que havia conexão entre Zuma (os bebês são mini-Zumas), sua condição de Zulu e a quantidade de filhos.

Em Zooma Family Name Jetpack (2.2.3), vários elementos foram apontados: o foguete que te leva a subir na carreira caso tenha o nome Zuma, a quantidade de filhos ainda à espera da chance de usar a mochila à jato (que simboliza a utilidade do nome e o nepotismo por parte do pai) e a fala de Zuma explicando que "Não precisa empurrar, todos terão sua vez". Esses foram os aspectos considerados por quem concorda que haja a representação de marcos da cultura Zulu por meio do ex-presidente.

Na peça 2.2.4 (Nklandla Cash Cow), a parcela dos entrevistados que concordou com a representação do todo pelo um, apontou a indumentária de Zuma. Ela não é considerada como cabível a alguém que só foi representado como político, uma vez que o ex-presidente não traja essas vestes habitualmente no desempenho das funções inerentes ao cargo. No entanto, para M.M.M (homem Venda), o desenho do mapa da África do Sul no úbere da vaca é a demonstração de que o cunho é puramente político "a crítica é a corrupção e isso você pode ver pelo mapa na vaca, o balde cheio de rands que saíram da vaca e o sinal de propriedade privada atrás dele [Zuma]". Para ele, a presença desses elementos torna a crítica puramente política, não cabendo colocar dúvidas sobre possíveis outras intenções ou representações do autor.

Gargantula's wedding (2.2.5) reuniu muitos pontos, tanto de contexto quanto de elementos presentes na charge. Mais uma vez, a indumentária Zulu foi apontada e muitos quiseram explicar que casamentos Zulus eram assim por conta da necessidade de impressionar e mostrar que há fartura. O excesso de comida, o trono em que o sobrinho de Zuma está

sentado e a pilha de Rands atrás dele são, não apenas para impressionar, mas para lembrar o contexto político em que se deu a concepção da sátira. Os mais novos debruçaram-se principalmente sobre o aspecto gráfico. Os mais velhos, incluindo M.M.M., que explicou o contexto da mina de Aurora, aliaram ou os dois lados ou enfatizaram o contextual. Todos esses discordam da percepção da representação cultural do homem Zulu nas peças.

O tópico 2.2.5 (Evolution of democracy), peça controversa na atribuição de significado às representações, trouxe quem pensasse que Zuma como macaco pudesse ser um "atestado de burrice"; que ele é a involução do povo sul-africano após chegar ao ápice que foi Mandela; e que assim como Zulus ele vai para trás pensando que ainda está indo para frente. Dentro da parcela de pessoas que consideram que de fato há de novo a representação do todo pelo um, houve uma assunção desgostosa de Zuma como macaco. Sinalizada como ofensiva por quase metade dos entrevistados, a charge de Zapiro foi vista como uma extensão da burrice/formato primata quadrúpede pouco evoluído ao povo sul africano, em especial aos Negros Zulus.

Em Flux of the Nation (2.2.10) e State of the Nation (2.2.14), as indicações para a falta de inteligência de Zuma consideradas pelos interlocutores das entrevistas foram, na primeira, a língua apontando para vários lados mesmo com o papel na mão; e na segunda, o tamanho exagerado do chuveiro, que indicaria que ele tinha algo pouco inteligente a dizer. As expressões do público no segundo item também foram utilizadas para apontar que Zuma - como outros Zulus - não tem desenvoltura com as palavras. "Ele não consegue ler um pedaço de papel", comenta K.S. (mulher Xitsonga). Após o comentário, ela estende a característica da falta de inteligência aos outros Zulus.

Como já introduzido brevemente no tópico sobre corrupção, os itens 2.2.9 (Unfinished Business) e 2.2.13 (Anybody Seen My Sword?), a memória coletiva resgata o episódio de 2006, ainda que as charges tenham um ano de diferença entre uma e outra (2010 e 2009, respectivamente). A posição em que se encontra a Justiça no item 2.2.9 é a mesma da primeira vez em que foi publicada (2008). O que muda são os algozes que seguram a personagem para que Zuma possa estuprá-la. Ainda que no item 2.2.13 já não haja mais a

ameaça explícita de estupro, os personagens já são conhecidos dos leitores. M.M.M. (homem Venda) é quem melhor lembra dos casos e aponta as semelhanças entre as situações, mas considera as charges excessivamente desrespeitosas.

CONCLUSÃO

Como muitos lugares do mundo, a África do Sul do pós-apartheid é um lugar onde as relações culturais e raciais são condicionadas por uma história de opressão e resistência exacerbada por irascíveis desigualdades socioeconômicas, que são motivo para conflito. (MASON, OPPERMAN, 2018)

As esperanças da coesão nacional defendidas e propagadas por Nelson Mandela, em seu movimento do panafricanismo, restaram esmaecidas após o problemático mandato recheado de escândalos de Zuma [...] O país se tornou uma sociedade multicultural com direitos políticos iguais para todos, sem distinção de etnia, mas não possui um senso autêntico do que significa viver em uma sociedade multicultural. (op.cit.)

Fica claro que as pessoas se sentiram ofendidas pelas manifestações da liberdade de discurso com aspectos do trabalho da totalidade dos autores satíricos abordados nesses estudos. As situações contribuíram para a importância do debate sobre como não se deve fazer uso de certas formas de representação.

Quando parti para o campo, meu questionamento era sobre as relações raciais e representações racistas. Não esperava encontrar as relações entre grupos étnicos que foram se apresentando diante de mim à medida que ia conversando com novas pessoas. Em qualquer lugar que eu fosse, em qualquer conversa que eu tivesse, essas questões iam se apresentando diante de mim e, por serem tão pungentes, foi impossível deixá-las de lado. As relações entre grupos étnicos acabaram permeando o trabalho e foram determinantes em todas as interpretações dos participantes. É possível observar pelas falas o quanto isso é trazido e o peso que tem para além da representação dos Zulu. É a partir de como os Venda enxergam os Zulu, que um Venda começa sua análise, acionando tanto seu pertencimento a esse grupo, quanto sua pessoa.

A África do Sul tem o trágico passado do apartheid e convive com seus tristes reflexos no presente. No entanto, não apenas o hoje nos traz reflexões sobre relações raciais entre

brancos e negros, mas nos impele a pensar no contexto das relações interétnicas que tanto contribuíram para as visões trazidas pelos entrevistados como ponto de partida e chegada em suas falas. Pensei que encontraria algo próximo a uma concordância tática que partiria da ideia de nós (negros ou brancos) versus eles (negros ou brancos). No entanto, uma vez que se está dentro do universo dos negros, temos nós Xhosa, nós Xitsonga, nós Zulu... O acionamento da identidade negra vem quando ela é contraposta a brancos, mas ela é apenas um dos vários elementos na construção do pertencimento.

É fundamental notar que, assim como a classificação racial foi produzida e duramente imposta pelo regime do apartheid, também a classificação entre diferentes “tribos” foi herança da política segregacionista. As relações muito mais fluidas entre os diversos grupos que habitavam o sul da África, sem limites muito rígidos entre si, foram substituídas por fronteiras “tribais”, em grande parte produzidas pelo colonialismo e pelo apartheid. Os bantustões foram a concretização dessa nova lógica. Criados pelo apartheid, eram o modo de separação territorial entre os grupos étnicos, supostamente autônomos. Portanto, se o racismo é uma herança do colonialismo e do apartheid e um desafio da Nova África do Sul, democrática, o mesmo pode ser dito de conflituosas relações entre os grupos étnicos locais.

Questões de identidade permanecem uma manifestação dolorosa e conflituosa das agressões psicológicas percebidas por sul africanos de todos os níveis da sociedade e o uso politicamente correto de diversidade cultural muitas vezes foram comparáveis a um tiro que saiu pela culatra.

Nesse sentido, os questionamentos provocados por um trabalho que relembra essas questões absorvidas e residentes no inconsciente coletivo, conseguiu fazer com que as pessoas direcionassem aquilo que traziam consigo para essas análises.

Conforme demonstrado pelos dados e relatos de entrevistas, percebe-se que muito do que faz parte do estereótipo de um povo, ecoa pelas palavras de uma comunidade. Quando provocadas pelas charges, sabendo da pergunta que norteia o estudo, elas são levadas a repensar aquilo que viveram nos momentos em que as charges foram publicadas, seja por

vivência e/ou leitura própria, pelas discussões de familiares ou estudos. A associação entre o questionamento essencial do trabalho e o contexto de uma sociedade marcada por tamanhas diferenças, como as frequentemente relatadas pelas charges, possibilita aos interlocutores manifestar uma resposta resultante do pensamento dialético cuja ideia primária é o que já se carrega consigo e a segunda aquilo que lhe é proposto.

Face a essa situação concluiu-se que, de fato, há cartunistas, autores satíricos, representando todo um povo por meio de uma pessoa. Mais de 70% dos que foram entrevistados expressaram pontos de vista que corroboram essa ideia. É interessante notar que, dentre as pessoas que discordam da representação, apenas uma não disse explicitamente que as charges são racistas. Daqueles que concordaram, nenhum considerou racismo, apesar de defenderem que o todo (Zulus) estava sendo representado pelo indivíduo (Zuma).

É necessário, no entanto, ao colocar que a representação de Zuma está sendo feita por meio de estereótipos de um povo, que isso não necessariamente aponta que os autores são racistas. Ressalte-se que o corpo de obras deles, como abordado no desenvolvimento, apontam em um sentido oposto e os depoimentos, bem como as respostas às entrevistas, permitem que se infira o contrário. Ainda assim, há a representação (negativa) dos Zulus, sua indumentária, costumes e valores nas peças analisadas.

Essa representação mostra a força e presença dos estereótipos que circulam no imaginário nacional, inclusive entre o público negro que interpreta as charges. Os estereótipos (ou essencialismos) étnicos são parte dos dilemas a serem enfrentados pelos sul-africanos no pós-apartheid, negros ou não.

Destaco, por fim, a partir dos dados obtidos e aqui apresentados, esse outro desafio da Nova África do Sul, que é a convivência numa nação multicultural, com valores e práticas distintos (muitas vezes opostos). Vimos que uma mesma característica – o “apego à tradição” – pode simultaneamente ser um vício e uma virtude. Percebemos que a grande quantidade de filhos pode ser um excesso a ser criticado ou um símbolo de poder coletivamente compartilhado, a depender do local de fala ou ponto de vista do interlocutor.

Observamos que a substituição do interesse público pelo privado é um ato fortemente recriminável, mas também uma valorizada demonstração de generosidade e lealdade para com os seus.

Essas constatações corroboram que a convivência em uma nação multicultural é um dos desafios da *Rainbow Nation*⁴⁶.

⁴⁶ Em tradução livre "Nação do arco-íris", alcunha que faz referência à diversidade multicultural do país e os povos que o constituem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gustavo e RABAÇA, Alberto. Dicionário de comunicação, 2ed. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro, Elsevier, 2001.

BECKER, Udo. Espada. In: _____ Dicionário de símbolos. São Paulo. Paulus, 1999.

BRIDGEN, Elizabeth. VERCIC, Dejan. *Experiencing Public Relations: International Voices*. Routledge, 2018.

FERNANDES, Bruno R. D. A Teoria Clássica do Gatekeeper e do Newsmaking na Rádio: o caso da RDP. Universidade da Beira Interior. Orientador: Prof. Dr. Joaquim Paulo Serra. Covilhã, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. Ed, Rio de Janeiro, LTC, 1926.

GLÜCKMAN, Max. O Reino dos Zulu Na África do Sul *in* *Sistemas Políticos Africanos*. Universidad Autónoma Metropolitana. México. DF, 2010

GOLAN, Daphna. “Inkatha and Its Use of the Zulu Past.” *History in Africa*, vol. 18, 1991, pp. 113–126. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/3172057> acesso em 21 de junho de 2020.

HILLS, Carol. This South African cartoonist draws on 20 years of Zuma ‘WTF’ scandals. *The World*, 2019. <https://www.pri.org/stories/2019-05-21/south-african-cartoonist-draws-20-years-zuma-wtf-scandals> acesso em 18 de agosto de 2019

KOELBLE, Thomas A., and STEVEN, L. Robins. “Zapiro: The Work of a Political Cartoonist in South Africa: Caricature, Complexity, and Comedy in a Climate of Contestation.” *PS: Political Science and Politics*, vol. 40, no. 2, 2007, pp. 315–318. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/20451952?seq=1>

LIMB, Peter and TEJUMOLA, Olaniyan. editors. “Zapiro: (Jonathan Shapiro, South Africa).” *Taking African Cartoons Seriously: Politics, Satire, and Culture*, Michigan State University Press, East Lansing, 2018.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. “Introdução”. In: RADCLIFFE-BROWN, A. R. & FORDE, D. *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982

SILVA, Rafael Souza. *O grafismo como linguagem in: Discursos simbólicos da mídia (org.)* edições Loyola, São Paulo, 2005. Universidade Católica de Santos - Editora Universitária Leopoldianum. p.49, p.65

SKEEN, Elizabeth. *The rape of a Trial: Jacob Zuma, AIDS, Conspiracy, and Tribalism in Neo-liberal Pos Apartheid South Africa*. Princeton, 2007. Acesso em 20 de junho de 2020 - https://lapa.princeton.edu/hosteddocs/skeen_2007_thesis.pdf

The World Factbook 2020. Washington, DC: Central Intelligence Agency, 2020. África do Sul. <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sf.html>, acesso em 2 de setembro de 2019.

WAETJEN, Thembisa, and MARÉ, Gerhard. Tradition's Desire: The Politics of Culture in the Rape Trial of Jacob Zuma. In *Theoria: A Journal of Social and Political Theory*, vol. 56, no. 118, 2009, pp. 63 a 81. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/41802426. Acesso em 20 de junho de 2020

WHITE, Hylton. “A Post-Fordist Ethnicity: Insecurity, Authority, and Identity in South Africa.” *Anthropological Quarterly*, vol. 85, no. 2, 2012, pp. 397–427. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/41857248. Acesso em 21 de junho de 2020.

ZUMA, Khangelani. SHISANA, Olive. REHLE, Thomas M. SIMBAYI, Leickness C. JOOSTE, Sean ZUNGU, Nompumelelo. LABADARIOS, Demetre. ONOYA, Dorina. EVANS, Meredith. MOYO, Sizulu. ABDULLAH, Fareed. *New insights into HIV epidemic in South Africa: key findings from the National HIV Prevalence, Incidence and Behaviour Survey*, 2012

The World`s greatest civilizations: The history and Culture of the Zulu, by Charles River Editor's

BBC - News - Zuma diz que está disposto a casar. Acesso em 18 junho de 2019. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/4879822.stm>

ZUMA, Khangelani. SHISANA, Olive. REHLE, Thomas M. SIMBAYI, Leickness C. JOOSTE, Sean ZUNGU, Nompumelelo. LABADARIOS, Demetre. ONOYA, Dorina. EVANS, Meredith. MOYO, Sizulu. ABDULLAH, Fareed. New insights into HIV epidemic in South Africa: key findings from the National HIV Prevalence, Incidence and Behaviour Survey, 2012

ANEXO

Transcrição da entrevista de Su Opperman e Andy Mason com Zapiro. Original em inglês como publicado no livro *Taking African Cartoons Seriously: Politics, Satire, and Culture*

Zapiro

(Jonathan Shapiro, South Africa)

Zapiro (Jonathan Shapiro) is South Africa’s best-known and most-awarded cartoonist. He has been the editorial cartoonist for Daily Maverick since 2017. Previously he was editorial cartoonist for Mail & Guardian, The Times, Sunday Times, (from 1998 to 2018), Sowetan, and Independent Newspapers. He has published twenty-two best selling annuals, The Mandela Files, Vuvuzela Nation (sporting cartoons), and Democracy (on South African democracy). Hard-hitting cartoons about ex-President Jacob Uma saw him twice sued for defamation, with both cases dropped by Uma. He has won numerous awards. In 2012 the International Publishers Association awarded him their annual Freedom to Publish Prize. In 2013 he was honored for his contribution to press freedom and social commentary with the renaming of a street in Cape Town in his name. In 2013 and 2014 he was celebrated as one of the “100 World Class South Africans” by City Press. In 2014 he was cited as one of the most influential Africans by New African Magazine, London and in 2015 made the Credit Suisse “50 Movers and Shakers in Africa” list. In 2016, he was named one of the top ten cartoonists in the world by Top Ten online lifestyle magazine, New York, and received the prize of the EWK-Society, Sweden. He has two honorary doctorates.

A conversation between Zapiro (Jonathan Shapiro), Su Opperman, and Andy Mason, conducted in Zapiro’s studio in Cape Town, 19 July 2016. Transcribed by Su Opperman; edited by Andy Mason.

Political cartooning, Racial Discourse, and Social Media in South Africa: An Interview with Zapiro

Andy Mason (AM): Jonathan, I would like to start by reminding you of a conversation we had in February 2016, about allegations of racism advanced against the South African cartooning duo John Curtis and Dr. Jack. I asked you whether you felt that the current vociferous debates around

racism in South Africa were having any impact on cartoonists in general and yourself in particular. You replied that the current racism debate may have the effect of making cartoonists, including yourself more cautious. You went on to say: “Even though I have a lot of license, I’m nevertheless aware that some people, specially younger people who do not have background knowledge of my work, might interpret my cartoons differently from what the way they were intended. These days, thanks to social media, a single comment, cartoon or tweet can have a huge impact. There is also the problem of people deliberately misreading cartoons. This business of second-guessing myself is certainly [a] big shift for me, and I do ask myself, is it self-censorship or is it emotional intelligence?”

Do you remember these comments about social media during our last conversation?

Zapiro: I do remember them, yes. And I could hardly have imagined, at that time, just how heavily I would fall into the trap of doing exactly what I was saying I should avoid!

AM: There are two cartoons that have got you into hot water recently. Let’s talk about them one at a time. The first one was about Springbok rugby coach, Allister Coetzee, a senior rugby official from the colored community who was faced with the difficult task of transforming the national team from a manly white team to a demographically representative team. Your cartoon showed him trying to catch two balls at once, one labelled “Transformation, the other labeled “Winning”.

Zapiro: Yes, that cartoon was fairly typical of what I’d call a poised cartoon, where some dichotomy, some seeming contradiction, is shown in a way that is open ended. It’s not saying something unequivocally. I’ve done many cartoons; it’s a typical way cartoonists responds to these kinds of issues. In the past, in my experience, there’s always been an acceptance by readers that a dilemma or dichotomy is being posed. But the public response to this cartoon revealed something else - a kind of binary interpretation that I was very uncomfortable with.

AM: Wasn’t it like Fikile Mbalula, the Minister of Sport, who first tweeted the cartoon and claimed that it was racist?

Zapiro: Yes, basically he said that the cartoon was so racist that the newspaper shouldn't actually be allowed to publish it. So, there are a number of issues here - first of all, the fact that he could immediately, unequivocally state that it is racist. That means it has to be the only reading of the situation. Coupled with a kind of witch-hunt mentality when it comes to race, it means that cartoon could only be read in that way. The second thing is, for Mbalula to say that this cartoon is so racist that it shouldn't be allowed to be published in the newspaper demonstrates the level of intolerance and smoke screening that is emanating from the ANC [African National Congress] and some other people, mainly to cover up other issues like corruption.

Su Opperman (SO): I find it interesting the Fikile Mbalula's reading of the cartoon, a reading that many other people shared, was that the cartoon was saying that winning and transformation can't go hand in hand. In other words, "if the rugby team gets more black players, they won't win because blacks can't play rugby." This interests me because on Youth Day (16 June) I went to a talk about the upliftment of people through transformation in sport, where there was a focus on rugby and the degree of hurt that exists because there are so few black players in big teams. What the young black people at that meeting were saying was that talented black players in the big teams. What the young black people at that meeting were saying was that talented black players don't get the chance to advance because of institutionalized racism.

Zapiro: I think that's a given. The fact that you or another person feel the need to make that point just shows how polarized people's views have become, in the sense that if someone reads a cartoon in which this view is not made explicit, they might think that I don't emphasize with this view. If my intended meaning needs to be explained to such an extent, this just shows how the nuances in my cartoons are being flattened out. In actual fact I have quite a long track record of doing cartoons that are very pro-transformation and critical of white people who oppose transformation, and I think a lot of people know that .

If you look at the cartoon, it isn't immediately clear whether the coach is going to drop both of these balls, or drop one of the balls and catch the other. My hope would have been that people would read into the cartoon that the coach has a difficult job to do, because transformation so far has not been done properly. Another cartoonist might have used the metaphor of a poisoned chalice. I went for a rugby image to show that he's somehow got to do both of these things and that

it's not going to be easy. And, as I've said, given the continuum of cartoons I've done over the years supporting the need for transformation in sport, I was expecting this kind of reading. I was aware of the other reading, but I didn't think it as particularly significant.

SO: Maybe it's because you, as an individual, have a long history within the South African political cartooning sphere, whereas many younger readers today are experiencing your political cartoons in the present moment without the benefit of the historical background. Nowadays you're just being judged on the now.

Zapiro: That's right. I've always relied on the continuum, that people would track record into account when reading my work. Very often I do cartoons that are part of a continuum and include and understanding of where I've been. That's how cartoon conversations develop, for example, in the op-ed pages of a newspaper. When I was drawing for the Sowetan, for example, people were following my stuff and reading my cartoons as a kind of ongoing conversation. So it was much longer conversation than the couple of minutes or seconds that it takes to look a cartoon and form an opinion about it. If a person is seeing something for the first time, as often happens on social media, they may simply react and decide that this is the expression of a racist mentality. I think that this is the expression of a racist mentality. I think that's what tends to happen now.

A journalist colleague, Marianne Tham, recently said to me that we appear to be living in the era of the tabula rasa, as though every day is a blank slate, and what you did last week or last year or ten years ago or thirty years ago, means absolutely zip anymore. It's all about the now, the era of tabula rasa.

SO: I suppose it's an aspect of how members of the younger generation are empowering themselves, putting their footprint down. So, to a certain extent, dialogue and discourse have changed.

AM: Can I ask a question at this point? Has the whole concept of a "struggle pedigree" now been thrown out the window? Is there no longer such a thing?

Zapiro: I think it's pretty much the case that one's history, track record, whatever, is not particularly important at the moment, and it doesn't matter, in this instance, whether you're white or black. There are dyed-in-the-wool ANC activists like Terror Lekota, for example, once a very powerful figure within the movement, who broke away from the ANC, the first significant breakaway from the ANC after 1994. More recently there have been many people who've either broken away or who have moved into positions where they're not doing things as card-carrying ANC members. And whatever they do, they're judged differently by the various factions in the movement and outside the movement. And people tend to judge things in a very shallow way, base on their allegiances. As I said, there's very little nuance in how people are looking at anyone's history or personality anymore.

AM: So, we must be aware that there are different constituencies that we're talking about, in terms of the way that people respond to your cartoons. For example, on one hand you're talking about how people within the ANC, within the movement, within the government, are responding to and reinterpreting cartoons; on the other hand there's the group that Su's talking about - the younger, upcoming tabula rasa generation, if you like.

Zapiro: Yes, I agree that we shouldn't completely conflate these viewpoints.

AM: If we look at the second cartoon, the one about Shaun Abrahams as the organs-grinder's monkey, it is quite interesting to see these two tendencies at work. In this cartoon, you represent Jacob Zuma as an organ-grinder, literally grinding an organ of state (the National prosecuting Authority [NPA]). Shaun Abrahams, head of the NPA, is represented as the organ-grinder's assistant. Non-South African readers need to be aware of the distinction between Uma, a black African man, and Abrahams, a "colored" person of mixed descent. The cartoon presents the idea that Abrahams, a Zuma appointee, is doing Zuma's bidding by making sure that neither he nor his cronies get prosecuted for their many transgressions. So, in every sense, it is an appropriate metaphor. The problem lies with the fact that a person of color has been represented by a white cartoonist as a monkey. It is also significant that the cartoon was published a few months after the infamous instance where a Democratic Alliance supporter, Penny Sparrow, compared African people to monkeys, causing a national furor.

Zapiro: Previously, most of the really tough controversies I've had to deal with have been Political ones where a particular faction of the ANC is protecting corruption, or protecting particular figures within the ANC, specially Zuma. But this time initial response didn't come from someone like Fikile Mbalula within the ANC. This was not about political protection. The people responding most vociferously about the Abrahams cartoon were more the young intellectuals. But sometimes it is an intellectualism that I feel is quite weird, because it seems to be a little bit half-baked. And I think it's sort of half-baked Biko. I can't imagine how Biko himself would have responded to some of the #Rhodesmustfall or #Feesmustfall stuff.

AM: In some of our previous conversations we've dealt with the whole issue of "manufactured rage," with regard to Brett Murray's painting *The Spear* and your "Rape of Lady Justice" cartoon. We've looked at the public reception of these works and done comparisons with the reception of, for example, the paintings of Ayanda Mabulu, and we've seen how his work has to a large extent been ignored by the powers that be, although it's much more extreme than anything a white cartoonist has ever attempted. So, as Steven C. Dublin has shown in his book *Spearheading Debate*, it is quite clear that this is this phenomenon of manufactured rage for political purposes, generated in response to certain cartoons. There is a history of controversies around specific cartoons and satirical artworks over a period of time that one point can to, as well as certain works that have been ignored by the authorities.

But, what's more interesting for the current discussion is your suggestion that the people who took exception to the cartoon weren't necessarily driven by a party political agenda, but were taking part in a discourse about racism, driven by social media, in which they are reacting very strongly to images they encounter online and perceive as racist. What I find interesting is that they don't necessarily encounter these images in their original context, but in a context that is already somewhat disassociated from the original context. Instead of being seen in a newspaper, on a page, in amongst other opinion-based articles on related topics, these images are now seen on Facebook, or via Twitter, and the discourse that accompanies them isn't necessarily the sort of elevated discourse of the op-ed pages of the newspaper; rather it's the cut and thrust of unedited opinion transmitted via social media.

Zapiro: While I was reading through some of the online material generated by the Shaun Abrahams cartoon, I came across an article by Gareth van Onselen, which started reading white gingerly. But pretty quickly I got the idea that he was onto a different methodology. He was looking at the public reception of the cartoon rather than at my intention. He showed that the cartoon hadn't drawn a lot of reaction in the first couple of days after publication; I don't think it outraged a lot of people, maybe just a few people. What Van Onselen shows is that the real public reaction began when Eusebuis McKaiser took the cartoon and used it to create a cacophony of reaction. And then people who were receptive to that and were ready to be offended basically went along with him in ways they maybe hadn't necessarily thought of or been urged to do until he did so.

Of course I was aware when I did the cartoon that I was moving into dicey territory, but it's the kind of territory I've often traveled in, where I play with different things within the same cartoon. Where, for example, you've got a depiction that invokes certain problematic tropes, as well as another depiction in the same cartoon that doesn't, in other words where two characters are depicted in completely different ways - to show that conversation is possible. It's not as if there's a generalized racist depiction in the cartoon. I've done a number of cartoons like this over the ten to fifteen years. And they've always been discussed, and here's never been a farro like this around any of them.

AM: So this furor was specifically and intrinsically because of the use of the monkey as a symbol?

Zapiro: Yes. However, the real target of this cartoon is not the president's lackey. The real target of the cartoon, when you draw a puppet, or someone in someone's pocket, is generally the larger, more Machiavellian controller.

AM: But I don't think people were even grappling with the subtleties of the cartoon itself. They were simply reacting to the depiction of Abrahams as a monkey. Going back to the reception theory approach you mentioned earlier, there is an European critical theorist, Hans Robert Jauss, a pioneer in reception theory, who talks about common horizon of understanding or expectation that people in a particular society share. When people in society share a common horizon, you can look at their reactions to certain cultural instances and make predictions about how they are likely to respond. But in South Africa we don't have that shared landscape or common horizon.

Zapiro: "Frame of reference" is the term I've always used to refer to this. When I started out at the Sowetan, I was also doing cartoons for the Weekly Mail. At that stage these two papers were very different, so I was constantly trying to find things that were part of a common frame of reference, because I didn't want my cartoons for the two papers to be politically different. And generally speaking I tried to do cartoons that could be read equally well in either paper. Occasionally, there was a bit of difference between what I would put in the Sowetan and the Weekly Mail, but as I've said, no political differences whatsoever. But this idea of frames of reference is something I was well aware of. While studying in the US, I had become use to the idea of. Shared frame of reference. Because of their enormous mass media industry, Americans have this big, shared frame of reference that can be drawn upon by cartoonists, columnists, and stand-up comedians.

AM: We obviously live in a completely different situation in South Africa today, as a result of the long history of apartheid and enforced cultural, social and linguistic separation. Instead of a shared horizon we've got the highly fragmented coexistence of different frames of reference intersecting with and often clashing with each other. In a context like this, how does a cartoonist such as yourself, coming out of a particular tradition, with your own trajectory, negotiate with the new world of social media in which all these frames of reference are colliding against each other? How do you cope with it, and how does it affect your practice as a cartoonist?

Zapiro: It is a really difficult question to come to any sort of definite answer about it. In the early years when I was cartooning for those two very different newspapers, in the first decade of the new South Africa, I worked around the problem of fragmented frames of reference by looking for those that worked relatively well, sometimes with a little explanation if I felt this was necessary, and people kind of went along with it.

AM: Would you say this worked because of the Rainbow Nation Narrative?

Zapiro: I wouldn't necessarily say it was the Rainbow Nation narrative, because even during that early period, I think some of that was quite artificial.

SO: And also, social media was not as strong at that time in South Africa.

Zapiro: That was the next point I was going to make. You would almost think that, because after 1994 we became more exposed to more and more American media and other media that we'd been shut out from, our frame of references would move a little closer together. And in many ways they did. But political frames of reference and different ways of thinking seem also to have become polarized during the same period. So now it's as if there are opposite currents working simultaneously. You would almost expect with social media where people can read and respond to each other very quickly and things spread rapidly, that it would lead to a process where frames of reference sort of begin to meld. But actually the opposite is often the case, where people's ways of thinking become increasingly polarized. So you get people that who are waiting online to react as harshly as they can to any hint of some person or group whom they perceive as the other. So, to me, it almost feels like two opposite things that are happening, like tectonic plates moving over each other.

SO: So, Jonathan, as a political cartoonist whose work is constantly under public domain, isn't there a danger that every statement you make can be taken out of context and refabricated on other platforms for new purposes?

Zapiro: There is, of course. It can be a cartoon or a statement of anything.

SO: From your perspective as a political cartoonist, so you ever feel that your voice is being appropriated by an overriding power narrative?

Zapiro: I've been worried about these phenomena for quite some time, even before I came under attack myself. The thing that started to worry me, as long as a decade ago, was seeing my cartoons being used by people from the opposite end of the political spectrum who were cherry-picking cartoons that I'd done on Mugabe, Zuma, and Mbeki, and putting them on white Right hate speech websites. Without my permission, my cartoons started to appear on on vicious anti-Mugabe sites, and on those ridiculous, inflated crime-watch sites that perpetuate the well-known narrative of whites being pushed into the sea and all of that. The whole Rhodesian "when-we" effect. It started

worrying me a decade ago and still does. So, bizarrely, I now have to deal with my views being controlled by the white Right as well as by a younger group of mostly black people twisting things another way. Strangely, the two end up reinforcing each other, both contorting my version of reality, and of what I perceive as myself. Lately I feel I've really been savagely attacked by people who are twisting things I've done or said to fit their own narratives. Essentially, I've been painted as a racist, that's what has happened to me recently.

SO: So, you're a devil no matter where you stand.

Zapiro: Yes, and I don't think my position is very from a lot of people, both black and white, who've regarded themselves as progressives and who've tried to express what they see through truth-telling, or through fearless reporting and criticism, and have been attacked in ways that seem really quite bizarre.

SO: Do you feel that the discourse around race and racism in South Africa is actually being flattened out and being made less complex as the situation becomes more polarized?

Zapiro: Yes. I do think so. The issues are not new, and they needed to be brought out. But the issues of decolonization, of white privilege, have been heightened into a kind of a hyperbole, in such a way that the chance to do anything ironically is being shut down. Anything that uses these concepts in a way that is slightly out of the norm is then taken as racist, as in the old version of real colonization, real white privilege and real racism. And in that way it starts to shut everything down.

SO: So you're saying that the polarization of thought in South African society is such that the metaphors or concepts that we use or employ to define our society and ourselves are actually being simplified, which doesn't make for great debate, or great satire.

Zapiro: Yes, I would say so.

SO: Moving to another theme, the ongoing theoretical discussion surrounding blackness and whiteness. It is usually argued that whiteness is invisible, in the sense of an invisible ground against

which blackness is positioned, but I feel that in South Africa now there is a striving to make whiteness visible. And it has become very visible.

Zapiro: I completely understand the importance of exposing that concept of whiteness, and the concept of white privilege and the historical injustice that is still here. And I understand the frustration of people who quite rightly say that not enough has changed systemically. I completely understand all of that, but it's as if anyone who gets involved in talking about these issues in an ironical or satirical way becomes a part of the problem in the mind of the person who refuses to see any nuance at all.

SO: Has your thinking changed at all since you were accused of racism?

Zapiro: Essentially, before these two recent incidents where I was accused of racism, I think maybe I wasn't thinking about it hard enough. But now I do feel that there are really some areas where, without blunting my political views, and without retreating into a safe shell politically, I am going to avoid certain metaphors or certain depictions, which I always thought I could play with, or experiment with.

AM: So, it's a closing down of space actually.

Zapiro: There is a closing down of space, a closing down of nuance. It's a closing down some of the richness of ironic usage of imagery and metaphor. And it's making things a little bit more banal, while at the same time precluding certain areas where I thought I could be edgy. And I can certainly be edgy, but around issues of race it's becoming hard to be edgy.

SO: You have just jumped ahead of me. I was just about to ask whether you will be drawing any more monkey cartoons in future.

Zapiro: In 2006, after the Danish Prophet Muhammed cartoons cause such a storm, my editors immediately said "Please don't draw Prophet Muhammed." And I immediately replied: "I don't think it's right for you to tell me that I can't draw something. And I don't think it is right for me to say that I'll never do it." I said that I would not do it gratuitously, just to get a reaction, but I would

do if I needed to, to make a point. Bear in mind that the cartoons I've done that have offended religious people have been aimed to religious patriarchs who are trying to impinge on the rights of others or the rights of the general populace, whether it's around reproductive rights, gay rights, women's rights, etc. That's when I attack religious people. And if something arises around prophet Muhammad I will think about it. After all, I did the Prophet Muhammad cartoon in 2010 and I got death threats. But when people ask me if I will ever do that again, I find really difficult to say no I will never. Because is too big a step for me as a cartoonist.

In ave event, I still think like many of these furors about cartoons, it was concocted. I have been thinking about Shaun Abrahams, how through his subsequent actions he has clearly vindicated the political content of the cartoon I did about him. And I should say that if I have been forced to apologize in ways that I've never had to apologize before, I have also had messages from some pretty big high-ups, saying I should not have apologized.

AM: So you think it was a mistake to apologize?

Zapiro: I think that I did go too far, because of the race issue. I think it was partially the timing. I should not have done it in the year of Penny Sparrow. It was a mistake to think that I could play with this sort of imagery, even in a way that I'd have previously thought it was intelligible, after the Penny Sparrow incident.

AM: At the time of the furor around the cartoon, the Mail and Guardian published an online article by Charles W. Mills and Wolf D. Hund about "simianization". In the context of this discourse around simianization, which basically argues that representing somebody replicates a tool used to maintain a oppressive status quo ... and knowing, as you previously warned yourself, how social media can blow the things up, my next question is about your decision to use the simian analogy for the Shaun Abraham's cartoon. Was it a failure of self-censorship on your part, or was it a failure of emotional intelligence?

Zapiro: I think it was a failure of emotional intelligence, but the two things are not very far apart. I think that my frame of mind at the time was that people will get this, people will get the edginess of Zuma having his own lackey in form of this little monkey. Also you should remember that the

metaphor actually stems from the word "organ", which relates to a captured organ of state, which I thought was more interesting than puppets or pockets or wind-up toys or boot licking, and other things I've done so many times.

Once I went there, I thought it was a little dicey, but wouldn't it be edgy and provocative? So, I was trying to be provocative. Maybe it was a failure of self-censorship or failure of emotional intelligence, I'm really not sure which. But I was trying to be provocative. Wouldn't it be provocative, I thought, to give Zuma his lackey in the form prescribed by the metaphor? And wasn't this the very version of the cartoon I would do about anyone, white or black? So I suppose that's where I was going with that. And I was just insufficiently aware of the fact that one can't do these things any more, things I've done five years ago, eight, ten years ago. But, at the moment, so few months after this Penny Sparrow thing, with the race debate becoming wider, I think I was stupid not to see that it would be a bridge too far. In the end I apologized. Basically, I had to accept that there are things I just can't do that I used to be able to do.

AM: Do you think we have reached a stage where the discourse and around race in South Africa has progressed to a certain stage that makes it different from what it was before? Do you think there is a qualitative difference?

Zapiro: Qualitatively different doesn't necessarily mean that it is of a higher standard. It essentially means that the kinds of debates people are having around those issues are moving into different areas. My radar on that would be that I've heard many such discussions, going right back to the 70s and 80s, and some of them were very rich, nuanced, high-quality discussions. Now that the debate has been broadened to include more people there is a certain sort of democratization of these ideas thanks to social media, it doesn't necessarily mean that the debate has been broadened to include more people and there is a certain sort of democratization of these ideas thanks to social media, it doesn't necessarily mean that the debate has become better. It is obviously important that these issues are out there, but it is also true that some of them have become more doctrinaire, to a point where it feels as if you can't go certain areas at all.

So I think that while it has moved and it's important that these issues are being talked about, some of it is quite crass and shallow and certainly doesn't encourage people to speak openly. I think one of the good things about this country is that people have been able to speak out. And over the last

twenty years there has been quite a a big platform for people who both professionally and as ordinary people have been able to speak out. And I think that now that some of that has kind of narrowed. There are people who are judging you in quite crass ways, with regard to which group you come from and what are you allowed to say and what are you not allowed to say, and I think that that's a real problem.

SO: I think, if you take a look, there's an outcry for some for of restitution.

Zapiro: These things are difficult to to deal with. I'm one of many, many people who have always been saying that there should be some form of restitution, there should be some form bigger form of being able to make responsibility for what happened during apartheid, from the atrocities to the general indignity of it all. But that's a voluntary thing and it should be a voluntary thing. I would hope a lot of people would participate in it. But at the moment it's almost as if what people are allowed to think, feel, say, and do is being prescribed by some of the new doctrinaire approaches to these discussions.

SO: Basically you're feeling boxed in.

Zapiro: Yes, boxed in, in that you don't even have the license to feel as if these are thing you've wanted to do over a period of years and years.

AM: But who is doing the boxing? Who's this body of people who are prescribing and proscribing?

Zapiro: I don't think it's always a body. I think that now you have cheerleaders for particular notions who are sometimes quite articulate, sometimes just very domineering. And they're able to command the opinion of large numbers of people who are willing to be boxed and to take part in very quicks attacks on anyone who doesn't fit the sort of prescribed stereotype. So, I don't necessarily think it's coming from any one grouping. As we were saying earlier, there are at least these two parts of this race debate. The first is the ANC smoke screenings as a diversion from all their own failings. I mean, they've pretty much admitted that. At the beginning of this year, the year of local government elections, when voters were pointing so many things that are wrong, like

corruption and poor service delivery, they actually came out and said that racism would be their big focus this year. It seems like an obvious smokescreen.

SO: Looking at the other part of the debate, at the social media site, perhaps it's a form of empowering the disempowered, giving them some form of voice that enables them to call people out as racists or to attack the privileged, or even just to stipulate the framework of the debate.

AM: If social media can actually stop people from expressing themselves in certain ways, because they are scared of being pilloried, then it actually is a very powerful thing. Can I ask how you feel the debate we're having in South Africa around races relates to other versions of the debate that are happening internationally?

Zapiro: You know, when I studied in the US in the late 80s, I first heard some terminology that is being used here now. I've been involved in a lot of stuff here, over a long period of time. One of the things I heard a long time ago and I'm hearing again is the notion that only white people can be racist. At the time, I did understand the argument about institutionalized racism vs. prejudice, but I also picked up that there were people who were kind of using that notion to cover up problem areas where people who already did have certain kinds of power were abusing that power. And I feel that this wasn't really a big part of our debate, until maybe the last four to five years. So yes, there are strong ideas coming from other countries. For example, I think Black Lives Matter is really important in the US; they got enormous issues to deal with, with which we are seeing some sort of commonality, and that's good. Here we saw the #Rhodesmustfall movement working very well at UCT, but not so well at Rhodes University. I think the #Rhodesmustfall and #Feesmustfall movements have been incredibly important, but of course, people are going to take them in different directions. People who get infused by their own power.

AM: But I think there's nevertheless a debate around race and racism today that has never been as vigorous and quite so...

Zapiro: I wouldn't want our discussion to end without saying that I absolutely support the airing of these things. For those of us who have been involved in organizations dealing with issues of

race for a long time, some of them are not new. It's the way that they're being dealt with what's new, and some of these aspects are good, in that they are getting a broader airing and important concepts are being recognized more widely and people are attempting to deal with them. However, as I've said, there are other ways in which things are becoming crasser all less nuanced. Ultimately, I would obviously rather see the race debate out there. In the same way that I'm disappointed with the way the South African political story has gone, I'm also disappointed with the way the race debate has gone, It's not quite that I thought it would be when people started talking about these things.

AM: And now, my last question: do you think that structurally, your position as a white cartoonist in South Africa today is fundamentally invidious?

Zapiro: I think that would be perhaps too strong a term to use. "Fundamentally invidious" sound as if it's completely untenable, and I don't think that is the case. I do think, however, that things have changed. For my own part, I do feel that I have to curb certain tendencies.

AM: So you're saying it's not fundamentally invidious, but invidious nonetheless?

Zapiro: Not invidious, but difficult, it has become more difficult. As things change in this country there may be certain things I've been able to do in the past that I won't be able to do. But I don't really see that happening in the near future. I still think there's a place for the kind of stuff I've been doing, although there are aspects of it that won't work anymore. And I have to think about that very carefully.

